

VLADIMIR ILITCH

LENINE



**VII Conferência
(de Abril)
de Toda a Rússia do POSDR (b)
(Abril 1917)**

ORGANIZAÇÃO REGIONAL DE LISBOA DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS 

VII Conferência (de Abril) de Toda a Rússia do POSDR (b)

Vladimir Ilitch Lénine
1917

Foi publicado integralmente pela primeira vez em 1921 nas Obras de N. Lenine (V. Uliánov), t. XIV. parte II.

Presente tradução na versão das Obras Escolhidas de V.I.Lénine
Edição em Português da Editorial Avante, 1977, t2, pp 51-99
Traduzido das O. Completas de VI Lénine 5ªEd. russo t.31,
pp. 341 a 358, 361 a 363, 387 a 400, 403 a 409, 414 a 421, 425 a 428,
430 a 437, 439 a 440, 449 a 452

I
Discurso de Abertura da Conferência
24 de Abril (7 de Maio) de 1917

Camaradas, a nossa conferência realiza-se como a primeira conferência do partido proletário nas condições não só da revolução russa mas também da revolução internacional em crescimento. Chega o tempo em que se confirma por toda a parte a afirmação dos fundadores do socialismo científico e a previsão unânime dos socialistas reunidos no Congresso de Basileia de que a guerra mundial conduz inevitavelmente à revolução.

No século XIX, Marx e Engels, observando o movimento proletário dos diversos países e analisando as possíveis perspectivas da revolução social, afirmaram mais de uma vez que os papéis destes países se distribuiriam em geral proporcionalmente, de acordo com as peculiaridades históricas nacionais de cada um deles. Esta sua ideia, formulada resumidamente, exprimiram-na assim: o operário francês começará, o alemão acabará.

Coube ao proletariado russo a grande honra de começar, mas ele não deve esquecer que o seu movimento e a sua revolução são apenas uma parte do movimento proletário revolucionário mundial, que na Alemanha, por exemplo, cresce de dia para dia cada vez com mais força. Só deste ângulo podemos determinar as nossas tarefas.

Declaro aberta a Conferência de toda a Rússia e peço que se proceda à eleição do praesidium.

(Publicou-se um breve resumo a 12 de Maio (25 de Abril) de 1917 no jornal *Sotsial-Demokrat*, n.º 43.)

II
Relatório Sobre o Momento Actual
24 de Abril (7 de Maio) de 1917

1
ACTA

Camaradas, ao abordar a questão do momento actual, da sua apreciação, terei de abranger um tema extraordinariamente extenso, que se divide, ao que me parece, em três partes: primeiro, apreciação da situação propriamente política no nosso país, na Rússia, atitude em relação ao governo e à dualidade de poderes que se criou; segundo, atitude em relação à guerra, e, terceiro, a situação que se criou no movimento operário internacional, que o colocou, falando à escala mundial, directamente diante da revolução socialista.

Penso que só poderei deter-me brevemente em alguns destes pontos. Por outro lado, tenho de apresentar-vos um projecto de resolução sobre todas estas questões, mas com a reserva de que, dada a extrema escassez de forças entre nós e também a crise política que surgiu aqui, em Petrogrado, nós não pudemos não só discutir a resolução como também comunicá-la em devido tempo às organizações locais. Repito, pois, que não se trata senão de projectos preliminares, que facilitarão o trabalho da comissão e lhe permitirão concentrar-se em algumas das questões mais substanciais.

Começo pela primeira questão. Se não estou enganado, a Conferência de Moscovo aprovou a mesma resolução que a Conferência da cidade de Petrogrado. (Vozes: «Com emendas».) Não vi essas emendas e não posso julgar. Mas como a resolução de Petrogrado foi publicada no *Pravda*, posso considerar, se não houver objecções, que é conhecida de todos. É esta resolução que submeto hoje, como projecto, à presente Conferência de Toda a Rússia.

A maioria dos partidos do bloco pequeno-burguês que reina no Soviete de Petrogrado apresenta a nossa política, ao contrário da sua, como uma política de passos precipitados. A nossa política distingue-se pelo facto de que exigimos, antes de mais nada, uma exacta caracterização de classe do que se passa. O pecado capital do bloco pequeno-burguês consiste em que oculta ao povo com frases a verdade sobre o carácter de classe do governo.

Se os camaradas de Moscovo têm emendas poderão lê-las agora.

(Lê a resolução da Conferência da cidade de Petrogrado
sobre a atitude em relação ao Governo Provisório.)

«Considerando:

- «1) que o Governo Provisório é, pelo seu carácter de classe, um órgão de domínio dos latifundiários e da burguesia;
- «2) que ele e as classes por ele representadas estão ligados de modo indissolúvel, económica e politicamente, ao imperialismo russo e anglo-francês;
- «3) que mesmo o programa por ele proclamado é cumprido apenas parcialmente e apenas sob a pressão do proletariado revolucionário e, em parte, da pequena burguesia;
- «4) que as forças da contra-revolução burguesa e latifundiária, que se organizam, iniciaram já, encobrendo-se com a bandeira do Governo Provisório e com evidente tolerância da parte deste último, o ataque contra a democracia revolucionária;
- «5) que o Governo Provisório adia a fixação de eleições para a Assembleia Constituinte, põe obstáculos ao armamento geral do povo, se opõe à passagem de toda a terra para as mãos do povo, lhe impõe o método latifundiário de solução da questão agrária, entrava a implantação da jornada de oito horas, dá provas de conivência com a agitação contra-revolucionária (de Gutchov e C^a) no

exército, organiza o corpo de comando superior do exército contra os soldados, etc ...»

Li a primeira parte da resolução, que contém a caracterização de classe do Governo Provisório. As divergências com a resolução dos moscovitas, tanto quanto se pode julgar apenas pelo texto da resolução, não são muito substanciais, mas considero que caracterizar em geral o governo como contra-revolucionário seria inexacto. Se se fala em geral, é preciso esclarecer de que revolução falamos. Do ponto de vista da revolução burguesa, não se pode dizer isso, visto que ela já terminou. Do ponto de vista da proletária-camponesa - dizer isto é prematuro, pois não podemos estar certos de que os camponeses irão necessariamente mais longe do que a burguesia, e, no meu modo de ver, é infundado exprimir a nossa confiança no campesinato, sobretudo agora, quando ele se voltou para o imperialismo e o defensismo, isto é, para o apoio à guerra. E agora entrou em toda uma série de acordos com os democratas-constitucionalistas. Por isso considero politicamente incorrecto este ponto da resolução dos camaradas moscovitas. Queremos que o campesinato vá além da burguesia, que tome a terra dos latifundiários, mas agora não se pode dizer nada de determinado sobre a sua conduta futura.

Nós evitamos cuidadosamente as palavras «democracia revolucionária». Quando se trata de uma agressão do governo pode falar-se assim, mas agora essa frase encobre o maior dos enganos, porque é difícil diferenciar as classes confundidas neste caos. A nossa tarefa consiste em libertar aqueles que se arrastam na cauda. Para nós os Sovietes são importantes não como forma, para nós o importante é que classes estes Sovietes representam. Por isso é necessário um grande trabalho de esclarecimento da consciência proletária ...

(Continua a leitura da resolução.)

«... 6) que, ao mesmo tempo, este governo se apoia actualmente na confiança e, até certo grau, num acordo directo com o Soviete de deputados operários e soldados de Petrogrado, o qual agrupa agora a evidente maioria dos operários e soldados, isto é, do campesinato;

«7) que cada passo do Governo Provisório, tanto no domínio externo como na política interna, abrirá os olhos não só dos proletários da cidade e do campo e dos semiproletários, mas também de largas camadas da pequena burguesia, para o verdadeiro carácter deste governo;

«A conferencia delibera que:

« 1) para que todo o poder de Estado passe para as mãos dos Sovietes de deputados operários e soldados ou de outros órgãos que exprimam directamente a vontade do povo é necessário um prolongado trabalho para esclarecer a consciência de classe proletária e para unir os proletários da cidade e do campo contra as vacilações da pequena burguesia, pois só esse trabalho constitui uma verdadeira garantia do avanço bem sucedido de todo o povo revolucionário;

«2) para tal actividade é necessário um trabalho múltiplo dentro dos Sovietes de deputados operários e soldados, o aumento do seu número, a consolidação das suas forças, a união dentro deles dos grupos proletários internacionalistas do nosso partido;

«3) o reforço da organização das nossas forças sociais-democratas, para que a nova onda do movimento revolucionário se desenvolva sob a bandeira da social-democracia revolucionária.»

Aqui está a essência de toda a nossa política. Actualmente, toda a pequena burguesia vacila e encobre as suas vacilações com frases sobre a democracia revolucionária, e nós devemos opor a essas vacilações a linha proletária. Os contra-revolucionários desejam fazê-la fracassar com acções prematuras. As nossas tarefas são o aumento do número de Sovietes, a consolidação das suas forças, a união dentro do nosso partido.

No ponto terceiro, os moscovitas acrescentam o controlo. Apresentam este controlo Tchkhaidze, Steklov, Tsereteli e outros dirigentes do bloco pequeno-burguês. O controlo sem o poder é uma frase oca. Como vou eu controlar a Inglaterra? Para a controlar seria preciso apoderar-se da sua armada. Compreendo que a massa não desenvolvida de operários e soldados possa acreditar cãndida e inconscientemente no controlo, mas basta reflectir sobre os elementos fundamentais do controlo para compreender que esta crença é um desvio dos princípios fundamentais da luta de classes. Que é o controlo? Se eu escrever um papelinho ou uma resolução, eles escreverão uma contra-resolução. Para controlar é preciso ter o poder. Se isto é incompreensível para a grande massa do bloco pequeno-burguês, é preciso ter a paciência de explicar-lhe isto, mas em caso algum dizer-lhe o que não seja verdade. Mas se eu escondo esta condição fundamental com o controlo, não falo verdade e faço o jogo dos capitalistas e imperialistas. - «Por favor, controla-me, mas eu terei os canhões. Farta-te de controlo» - dizem eles. Sabem que actualmente não se pode negar nada ao povo. Sem o poder, o controlo é uma frase pequeno-burguesa que entrava a marcha e o desenvolvimento da revolução russa. Eis porque sou contra o ponto terceiro dos camaradas de Moscovo.

No que se refere a este original entrelaçamento de dois poderes, em que o Governo Provisório, não tendo nas suas mãos o poder, os canhões, os soldados, a massa de homens armados, se apoia nos Sovietes, os quais, fiando-se de momento em promessas, seguem uma política de apoio a essas promessas, diremos que se quereis participar neste jogo ireis à bancarrota. A nossa tarefa é não tomar parte neste jogo, continuaremos o trabalho de explicar ao proletariado toda a inconsistência desta política, e cada passo da vida real se encarregará de demonstrar como temos razão. Actualmente estamos em minoria, as massas não acreditam ainda em nós. Saberemos esperar: elas passarão para o nosso lado quando o governo se revelar a elas. As vacilações do governo podem afasta-las dele, e elas voltar-se-ão para o nosso lado, e então, pesando a correlação de forças, diremos: a nossa hora chegou.

Passo agora à questão da guerra, que na prática nos uniu quando nos declaramos contra o empréstimo, a atitude em relação ao qual logo mostrou de forma evidente como se dividiam as forças políticas. Como o *Retch*¹ escreveu, todos vacilam, com excepção do *Edinstvo*, toda a massa pequeno-burguesa está a favor do empréstimo com reservas. Os capitalistas fazem má cara, guardam a resolução no bolso com um sorriso e dizem: «podeis falar, pois, apesar de tudo, seremos nós que actuaremos.» No mundo inteiro chama-se sociais-chauvinistas a todos aqueles que votam actualmente pelo empréstimo.

Passo directamente à leitura da resolução sobre a guerra. Divide-se em três partes:

- caracterização da guerra do ponto de vista do seu significado de classe
- defensismo revolucionário das massas, que não existe em nenhum país, e
- como acabar com a guerra.

Muitos de nós, incluindo eu, tivemos ocasião de falar, sobretudo perante soldados, e penso que quando se lhes explica tudo do ponto de vista de classe, para eles o que há de menos claro na nossa posição é precisamente como queremos acabar com a guerra e como consideramos possível terminá-la. Entre as grandes massas existe um sem-número de confusões, uma incompreensão total da nossa posição, e por isso devemos ser aqui o mais populares possível.

(Lê o projecto de resolução sobre a guerra.)

«A guerra actual é, por parte de ambos os grupos de potências beligerantes, uma guerra imperialista, isto é, conduzida pelos capitalistas pelo domínio do mundo, pela partilha do saque dos capitalistas,

1 **Retch (A Palavra)**: diário, órgão central do partido democrata-constitucionalista; publicou-se em Petersburgo de 1906 a Outubro de 1917.

por mercados vantajosos para o capital financeiro, bancário, pelo estrangulamento dos povos fracos.

«A passagem do poder de Estado na Rússia de Nicolau II para o governo de Gutchkov, Lvov, etc, para o governo dos latifundiários e capitalistas, não mudou nem podia mudar esse carácter de classe e o significado da guerra por parte da Rússia.

«O facto de que o novo governo prossegue a mesma guerra, igualmente imperialista, isto é, de rapina, de conquista, manifestou-se com particular evidência na seguinte circunstância: o novo governo não só não publicou os tratados secretos concluídos pelo ex-tsar Nicolau II com os governos capitalistas da Inglaterra, da França, etc, como confirmou formalmente estes tratados. Isto foi feito sem consultar a vontade do povo e com a manifesta intenção de o enganar, pois é do domínio público que estes tratados secretos do ex-tsar são tratados inteiramente banditescos, que prometem aos capitalistas russos a pilhagem da China, da Pérsia, da Turquia, da Áustria, etc.

«Por isso o partido proletário não pode apoiar de modo algum nem a guerra actual, nem o governo actual, nem os seus empréstimos, sejam quais forem as pomposas palavras com que se denominem esses empréstimos, sem romper por completo com o internacionalismo, isto é, com a solidariedade fraterna dos operários de todos os países na luta contra o jugo do capital.

«Não merece tão-pouco nenhum crédito a promessa do governo actual de renunciar às anexações, isto é, à conquista de países estrangeiros ou à retenção pela força, nos limites da Rússia, de qualquer povo. Porque em primeiro lugar os capitalistas, entrelaçados por milhares de fios com o capital bancário russo e anglo-francês e que defendem os interesses do capital, não podem renunciar às anexações nesta guerra sem deixar de ser capitalistas, sem renunciar aos lucros dos milhares de milhões investidos em empréstimos, em concessões, em empresas de guerra, etc. Em segundo lugar, o novo governo, que renunciou às anexações para iludir o povo, declarou pela boca de Miliukov em 9 de Abril de 1917 em Moscovo que não renuncia às anexações. Em terceiro lugar, como denunciou o *Delo Naroda*², jornal no qual colabora o ministro Kérenski, Miliukov não enviou sequer para o estrangeiro a sua declaração sobre a renúncia às anexações.

«Ao prevenir o povo contra as promessas ocas dos capitalistas, a conferência declara por isso que é necessário distinguir rigorosamente entre a renúncia às anexações em palavras e a renúncia às anexações de facto, isto é, a publicação imediata de todos os tratados secretos, banditescos, de todos os documentos de política externa, e proceder imediatamente à libertação mais completa de todos os povos que a classe dos capitalistas oprime ou prende pela força à Rússia ou mantém numa situação de falta de plenos direitos, seguindo a política, vergonhosa para o nosso povo, do ex-tsar Nicolau II.»

A segunda metade desta parte da resolução fala das promessas que o governo faz. Para um marxista esta parte talvez seja supérflua, mas para o povo é importante. Por isso é necessário acrescentar por que não damos crédito a estas promessas, por que não devemos confiar no governo. As promessas do actual governo de renunciar à política imperialista não merecem nenhuma confiança. Aqui a nossa linha não deve consistir em indicar que exigimos do governo a publicação dos tratados. Isto seria uma ilusão. Exigir isto de um governo de capitalistas seria a mesma coisa que exigir que se revelem as fraudes comerciais. Se dizemos que é preciso renunciar às anexações e contribuições, devemos indicar como fazê-lo; e se nos perguntarem quem o fará, diremos que se trata, no fundo, de um passo revolucionário, e que esse passo só pode ser dado pelo proletariado revolucionário. De outro modo, serão apenas ocas promessas e votos com que os capitalistas levam o povo à rédea.

(Continua a leitura do projecto de resolução.)

2 **Delo Naroda (A Causa do Povo)**: diário, órgão do Partido Socialista-Revolucionário; editou-se em Petrogrado de Março de 1917 a Julho de 1918.

«O chamado “defensismo revolucionário”, que hoje se apoderou na Rússia de quase todos os partidos populistas (socialistas populares, trudoviques, socialistas-revolucionários), e do partido oportunista dos sociais-democratas mencheviques (Comité de Organização, Tchkhéidze, Tseretéli e outros) e também da maioria dos revolucionários sem partido, representa, quanto ao seu significado de classe, por um lado, os interesses e o ponto de vista da pequena burguesia, dos pequenos patrões, dos camponeses abastados, os quais, do mesmo modo que os capitalistas, tiram proveito da violência contra os povos fracos, e, por outro lado, é resultado do engano das massas do povo pelos capitalistas, que não tornam públicos os tratados secretos e se limitam a promessas e palavreado.

«Devemos reconhecer que massas muito amplas de “defensistas revolucionários” estão de boa fé, isto é, não desejam **efectivamente** anexações, conquistas, violências sobre povos fracos, aspiram **efectivamente** a uma paz democrática e não imposta pela força entre **todos** os países beligerantes. É preciso reconhecer isto, porque a situação de classe dos proletários e semi-proletários da cidade e do campo (isto é, dos homens que vivem total ou parcialmente da venda da sua força de trabalho aos capitalistas) faz com que essas classes não estejam interessadas nos lucros dos capitalistas.

«Por isso, considerando absolutamente inadmissível e equivalente de facto à ruptura completa com o internacionalismo e o socialismo qualquer concessão ao “defensismo revolucionário”, a conferência declara ao mesmo tempo que, enquanto os capitalistas russos e o seu Governo Provisório se limitarem a ameaças de violência contra o povo (por exemplo, o tristemente célebre decreto de Gutchkov ameaçando com represálias os soldados que destituíam por iniciativa própria os seus superiores), enquanto os capitalistas **não** passarem à violência contra os Sovietes de deputados operários, soldados, camponeses, assalariados agrícolas e outros, livremente organizados e que destituem e elegem livremente **todas** e quaisquer autoridades, até lá o nosso partido defenderá a renúncia à violência em geral, combaterá o grave e funesto erro dos partidários do “defensismo revolucionário” exclusivamente com métodos de persuasão num espírito de camaradagem, explicando a verdade de que a atitude de confiança inconsciente das vastas massas para com o governo dos capitalistas, os piores inimigos da paz e do socialismo, é no momento actual na Rússia o obstáculo principal ao rápido fim da guerra.

Uma parte da pequena burguesia está interessada nesta política dos capitalistas, quanto a isto não pode haver dúvidas, e por isso é inadmissível para o partido proletário depositar agora esperanças na comunidade de interesses com o campesinato. Lutamos para conseguir que o campesinato passe para o nosso lado, mas agora está, até certo ponto, conscientemente do lado dos capitalistas.

Não há nenhuma dúvida de que o proletariado e o semiproletariado, como classe, não estão interessados na guerra. Estão sob a influência das tradições e do engano. Carecem ainda de experiência política. Por isso a nossa tarefa é realizar um prolongado esclarecimento. Não lhes fazemos a menor concessão de princípio, mas não podemos tratá-los do mesmo modo que aos sociais-chauvinistas. Estes elementos da população nunca foram socialistas, nem têm a menor ideia do que seja o socialismo, estão apenas a despertar para a vida política. Mas a sua consciência cresce e amplia-se com uma rapidez extraordinária. É preciso saber chegar até eles com o nosso esclarecimento, e esta é a tarefa mais difícil, sobretudo para um partido que ainda ontem se encontrava na clandestinidade.

Haverá quem pense se nós não nos renegamos: pois antes fazíamos propaganda da transformação da guerra imperialista em guerra civil, e agora falamos contra nós próprios. Mas na Rússia terminou a primeira guerra civil, passamos agora à segunda guerra - entre o imperialismo e o povo em armas, e neste período de transição, enquanto a força armada se encontrar nas mãos dos soldados, enquanto Miliukov e Gutchkov não empregarem a violência, esta guerra civil converte-se para nós em propaganda de classe, pacífica, prolongada e paciente. Se falarmos da guerra civil antes que as

peças tenham compreendido a sua necessidade, cairemos indubitavelmente no blanquismo. Somos pela guerra civil, mas só quando é conduzida por uma classe consciente. Pode derrubar-se aquele que o povo considera um opressor. Mas, na actualidade, não há nenhum opressor, os canhões e as espingardas encontram-se nas mãos dos soldados e não nas dos capitalistas, os capitalistas não dominam agora pela violência mas pelo engano, e gritar agora sobre a violência é um absurdo. É preciso saber situar-se no ponto de vista do marxismo, o qual diz que esta transformação da guerra imperialista em guerra civil se baseia em condições objectivas e não subjectivas. Renunciamos, por enquanto, a esta palavra de ordem, mas só por enquanto. As armas estão agora nas mãos dos soldados e dos operários, e não nas mãos dos capitalistas. Enquanto o governo não iniciar a guerra fazemos a nossa propaganda pacificamente.

Teria sido vantajoso para o governo que o primeiro passo irreflectido para a acção tivesse sido dado por nós, isto teria sido vantajoso para ele. Sente-se exasperado porque o nosso partido deu a palavra de ordem de uma manifestação pacífica. Não devemos ceder nem um iota nos nossos princípios à pequena burguesia, que está agora na expectativa. Para um partido proletário não há erro mais perigoso do que fundar a sua táctica em desejos subjectivos, onde o que é preciso é organização. Não podemos dizer que a maioria está connosco; neste caso é necessário desconfiar, desconfiar e desconfiar. Basear nisto a táctica proletária significa matá-la.

O terceiro ponto refere-se ao problema de como terminar a guerra. O ponto de vista dos marxistas a este respeito é conhecido, mas a dificuldade está em como leva-lo às massas da forma mais clara possível. Não somos pacifistas e não podemos renunciar à guerra revolucionária. Em que se distingue de uma guerra capitalista? Em primeiro lugar, pela classe que está interessada nela e pela política que aplica nessa guerra a classe interessada... Quando se fala às massas, é preciso dar-lhes respostas concretas. A primeira questão é, pois: como distinguir uma guerra revolucionária de uma guerra capitalista? O homem da massa não compreende em que consiste a diferença, não compreende que se trata aqui de uma diferença de classes. Não devemos falar só teoricamente, mas devemos mostrar praticamente que só travaremos uma guerra verdadeiramente revolucionária quando o poder estiver nas mãos do proletariado. Parece-me que tal maneira de pôr a questão dá uma resposta mais clara à pergunta sobre qual é esta guerra e quem a faz.

No *Pravda* foi publicado um projecto de apelo aos soldados de todos os países beligerantes. Temos notícias de que na frente se verifica a confraternização, mas ela é ainda semiespontânea. O que falta a esta confraternização é um pensamento político claro. Os soldados sentiram instintivamente que era preciso agir a partir de baixo. O seu instinto de classe, de homens imbuídos de espírito revolucionário, sugeriu-lhes que só este é o verdadeiro caminho. Mas isso não basta para a revolução. Queremos dar uma resposta política clara. Para que a guerra possa acabar o poder deve passar para as mãos da classe revolucionária. Eu proporia que, em nome da conferência, fosse dirigido um apelo aos soldados de todos os países beligerantes e que esse apelo fosse publicado em todas as línguas. Se em lugar de todas estas frases correntes sobre conferências de paz, nas quais metade dos participantes são agentes secretos ou declarados dos governos imperialistas, distribuirmos este apelo, avançaremos mil vezes mais depressa para o nosso objectivo do que com todas as conferências de paz. Não queremos lidar com os Plekhánov alemães. Quando atravessámos a Alemanha de comboio esses senhores sociais-chauvinistas, os Plekhánov alemães, tentaram subir para junto de nós na carruagem, mas respondemos-lhes que nem um só socialista dentre eles entraria para junto de nós, e que se entrassem, não os deixaríamos sair sem um grande escândalo. Se tivessem deixado entrar para junto de nós por exemplo Karl Liebknecht, teríamos falado com ele. Quando publicarmos esse apelo aos trabalhadores de todos os países e dermos nele a nossa resposta à pergunta de como terminar a guerra, e quando os soldados lerem a nossa resposta, que aponta a saída política da guerra, então a confraternização dará um gigantesco passo em frente. Isto é necessário para que a confraternização suba do nível do horror instintivo pela guerra para uma clara consciência política de como sair desta guerra.

Passo à terceira questão, a saber: à apreciação do momento actual do ponto de vista da situação do movimento operário internacional e do estado do capitalismo internacional. Do ponto de vista do marxismo é absurdo examinar a situação de um único país ao falar de imperialismo, já que os países capitalistas estão ligados entre si do modo mais estreito. E hoje, em tempo de guerra, esta ligação é incomensuravelmente maior. Toda a humanidade se enleou num novelo sanguinolento, do qual é impossível sair individualmente. Se há países mais e menos desenvolvidos, a guerra actual ligou-os com tais fios entre si que é impossível e absurdo imaginar que algum país possa sair dela sozinho.

Todos estamos de acordo em que o poder deve estar nas mãos dos Sovietes de deputados operários e soldados. Mas que podem e devem eles fazer se o poder passar para eles; isto é, se se vier a encontrar nas mãos dos proletários e semiproletários? É uma situação complicada e difícil. E se falamos da tomada do poder, surge um perigo que já em revoluções anteriores desempenhou um grande papel, a saber: a classe revolucionária toma nas suas mãos o poder de Estado e não sabe o que fazer com ele. Na história das revoluções existem exemplos de revoluções que fracassaram justamente por isso. Os Sovietes de deputados operários e soldados, que hoje cobrem com a sua rede toda a Rússia, estão agora no centro de toda a revolução; entretanto, parece-me que não os temos compreendido e estudado suficientemente. Se eles tomarem nas suas mãos o poder, não se tratará já de um Estado no sentido usual da palavra. No mundo nunca existiu, mantendo-se por muito tempo, tal poder de Estado, mas todo o movimento operário mundial se aproximava dele. Será precisamente um Estado do tipo da Comuna de Paris. Este poder é uma ditadura, isto é, apoia-se não na lei, não na vontade formal da maioria, mas de modo directo e imediato na violência. A violência é o instrumento do poder. Mas sob que forma usarão os Sovietes este poder? Voltarão à antiga administração através da polícia, administrarão o país por meio dos velhos órgãos de poder? No meu modo de ver não o poderão fazer e, em todo o caso, apresenta-se diante deles a tarefa imediata de organizar um Estado não burguês. Empreguei entre bolcheviques a comparação deste Estado com a Comuna de Paris no sentido de que esta destruiu os antigos órgãos administrativos e os substituiu por órgãos completamente novos, por órgãos directos, imediatos, dos operários. Acusam-me de que utilizei neste momento a palavra que mais assusta os capitalistas, já que começaram a comentá-la como o desejo de introduzir imediatamente o socialismo. Mas empreguei-a unicamente no sentido de substituição dos velhos órgãos por outros novos, proletários. Marx disse que isto era o mais importante passo em frente de todo o movimento proletário mundial³. A questão das tarefas sociais do proletariado tem para nós uma enorme importância prática, por um lado porque agora estamos ligados a todos os outros países e não podemos sair deste novelo: ou o proletariado sai na sua totalidade, ou estrangulá-lo-ão; por outro lado, os Sovietes de deputados operários e soldados são um facto. Não há dúvida para ninguém de que cobrem toda a Rússia, são um poder, e não pode haver outro poder. Se é assim, devemos ver claramente como podem usar este poder. Dizem que este poder é o mesmo que na França e na América, mas ali não há nada semelhante, não existe aí um poder directo como este.

A resolução sobre o momento actual divide-se em três partes. Na primeira caracteriza-se a situação objectiva criada pela guerra imperialista, a situação em que se viu o capitalismo mundial; na segunda, as condições do movimento proletário internacional, e, na terceira, as tarefas da classe operária russa com a passagem do poder para as suas mãos. Na primeira parte formulo a conclusão de que o capitalismo se desenvolveu durante a guerra mais ainda do que antes da guerra. Já tomou nas suas mãos ramos inteiros da produção. Já em 1891, há 27 anos, quando os alemães adoptaram o seu Programa de Erfurt⁴, Engels disse que não podia interpretar-se como antes o capitalismo como a

3 Ver a carta de K. Marx a L. Kugelmann de 17 de Abril de 1871, (In Karl Marx/Friedrich Engels, *Werke*, Bd. 33, S. 209.)

4 **Programa de Erfurt:** programa do Partido Social-Democrata da Alemanha, aprovado no Congresso efectuado em Erfurt em Outubro de 1891. O programa baseava-se na doutrina marxista sobre a queda inevitável do modo de produção capitalista e a sua substituição pelo modo de produção socialista; sublinhava-se nele a necessidade de a classe operária conduzir uma luta política e apontava-se o papel do partido como dirigente dessa luta, etc. Contudo,

ausência de planificação⁵. Isto está já antiquado: se há *trusts* já não há ausência de planificação. Particularmente no século XX, o desenvolvimento do capitalismo avançou a passos gigantescos, e a guerra fez aquilo que não foi feito em 25 anos. A estatização da indústria avançou não só na Alemanha mas também na Inglaterra. Dos monopólios em geral passou-se para os monopólios de Estado. A situação objectiva das coisas demonstrou que a guerra acelerou o desenvolvimento do capitalismo, e este desenvolvimento passou do capitalismo para o imperialismo, do monopólio para a estatização. Tudo isto aproximou a revolução socialista e criou as condições objectivas para ela. Deste modo, o curso da guerra aproximou a revolução socialista.

A Inglaterra era, antes da guerra, o país da máxima liberdade, como assinalam sempre os políticos do tipo do partido democrata-constitucionalista. Havia aí liberdade porque não existia movimento revolucionário. A guerra modificou tudo de repente. Um país no qual há dezenas de anos não se recordava um exemplo de atentado contra a liberdade da imprensa socialista implantou de repente uma censura puramente tsarista e todas as prisões se encheram de socialistas. Os capitalistas aprenderam ali durante séculos a governar o povo sem violências, e se agora recorreram à violência isso significa que se aperceberam de que o movimento revolucionário cresce, de que não podem agir de outra maneira. Quando assinalávamos que Liebknecht representava a massa, apesar de estar só e de ter contra ele cem Plekhánov alemães, diziam-nos que isso era uma utopia, uma ilusão. Entretanto, quem assistiu uma só vez no estrangeiro a uma assembleia de operários viu que a simpatia das massas por Liebknecht é um facto indubitável. Os seus mais furiosos adversários tiveram de usar de astúcia para com as massas, e se não fingiram ser adeptos seus, pelo menos ninguém se atreveu a falar contra ele. Hoje as coisas foram ainda mais longe. Agora estamos em presença de greves de massas e da confraternização na frente. Lançar-se em profecias a este respeito seria o maior dos erros, mas que a simpatia para com a Internacional vai aumentando e que no exército alemão começa a efervescência revolucionária, isto é efectivamente um facto que mostra que ali a revolução amadurece.

Quais são as tarefas do proletariado revolucionário? O defeito principal e o erro principal de todos os raciocínios dos socialistas consiste em que a questão é formulada em termos demasiado gerais - transição para o socialismo. Entretanto, é necessário falar dos passos e medidas concretas. Alguns deles amadureceram, outros ainda não. Vivemos um momento de transição. É evidente que avançamos formas que não se parecem com as dos Estados burgueses: os Sovietes de deputados operários e soldados, forma de Estado que não existe nem jamais existiu em nenhum país. São uma forma que representa os primeiros passos para o socialismo e que é inevitável nos começos da sociedade socialista. Este é um facto decisivo. A revolução russa criou os Sovietes. Em nenhum país burguês do mundo existem nem podem existir instituições estatais semelhantes, e nenhuma revolução socialista pode operar com outro poder que não seja este. Os Sovietes de deputados operários e soldados devem tomar o poder, mas não para implantar uma república burguesa corrente, nem para passar directamente ao socialismo. Isso é impossível. Para quê, então? Devem tomar o poder para dar os primeiros passos concretos, que podem e devem ser dados, para essa transição. O medo é, neste sentido, o inimigo principal. Devemos pregar às massas que é necessário dar esses passos imediatamente, pois de outro modo o poder dos Sovietes de deputados operários e soldados não terá sentido e não dará nada ao povo.

Tentarei responder à pergunta sobre quais são os passos concretos que podemos propor ao povo, sem cair em contradição com as nossas convicções marxistas.

o programa continha uma série de concessões ao oportunismo; o programa nada dizia quanto à questão da ditadura do proletariado. F. Engels fez a crítica pormenorizada do projecto inicial do programa na sua obra *Para a crítica do Projecto do Programa Social-Democrata de 1891*. Porém os dirigentes da social-democracia alemã ocultaram às massas do partido a crítica feita por Engels, e na elaboração do texto definitivo no programa não tomaram em consideração as observações mais importantes de Engels.

5 F. Engels, *Para a Crítica do Projecto de Programa Social-Democrata de 1891* (In Karl Marx/Friedrich Engels, *Werke*, Bd. 22, S. 232.)

Para que queremos que o poder passe para as mãos dos Sovietes de deputados operários e soldados?

A primeira medida que eles devem aplicar é a nacionalização da terra. Todos os povos falam dela. Diz-se que esta medida é das mais utópicas e, entretanto, todos chegam a ela, precisamente porque a posse da terra na Rússia é tão emaranhada que não resta outra saída senão eliminar todas as divisões da terra e transformá-la em propriedade do Estado. É preciso abolir a propriedade privada da terra. Esta é a tarefa que se nos coloca, pois a maioria do povo é a favor dela. Para isso necessitamos dos Sovietes. Esta medida não pode ser levada a cabo com o velho funcionalismo estatal.

Segunda medida. Não podemos ser a favor de que o socialismo seja «introduzido», pois isso seria o maior dos disparates. Nós devemos preconizar o socialismo. A maioria da população da Rússia é constituída por camponeses, por pequenos proprietários, que nem sequer podem pensar no socialismo. Mas que podem dizer contra o facto de que em cada aldeia exista um banco que lhes dê a possibilidade de melhorar a sua exploração? Contra isto nada podem dizer. Devemos propagandear estas medidas práticas entre os camponeses e reforçar neles a consciência da sua necessidade.

Outra coisa é o consórcio dos fabricantes de açúcar, isto é um facto. Aqui a nossa proposta deve ser directamente prática: é preciso que esses consórcios, já amadurecidos para isso, se convertam em propriedade do Estado. Se os Sovietes querem tomar o poder é unicamente para esses fins. Se não for para isso, não há motivo para o tomar. A questão coloca-se assim: ou os Sovietes continuam a desenvolver-se, ou morrerão sem glória, como aconteceu com a Comuna de Paris. Se é necessária uma república burguesa, podem fazê-la também os democratas-constitucionalistas.

Vou terminar referindo-me a um discurso que me causou a maior impressão. Um mineiro pronunciou um notável discurso, no qual, sem empregar um só termo livresco, relatou como eles tinham feito a revolução. A questão que se colocaram não foi a de se teriam um presidente. Mas a questão que lhes interessou foi: quando tomaram as minas foi necessário proteger os cabos para que a produção não parasse. Depois colocou-se a questão do pão, que não tinham, e eles puseram-se também de acordo em relação à sua obtenção. Esse é o verdadeiro programa da revolução, não tirado dos livros. Essa é a verdadeira conquista do poder à escala local.

A burguesia não adquiriu em parte alguma uma forma tão definitiva como em Petrogrado, e os capitalistas têm aqui o poder nas suas mãos, mas, à escala local, os camponeses, não se propondo quaisquer planos socialistas, adoptam medidas puramente práticas. Penso que este programa do movimento revolucionário é o único que indica acertadamente a verdadeira via da revolução. Somos partidários de que estas medidas sejam abordadas com a maior prudência e precaução, mas só elas devem ser levadas a cabo, só nesta direcção se deve olhar em frente, não há outra saída. De outro modo, os Sovietes de deputados operários e soldados serão dissolvidos e morrerão sem glória; mas se o poder passar efectivamente para as mãos do proletariado revolucionário, será unicamente para ir em frente. E ir em frente significa dar passos concretos, e não garantir só com palavras a saída da guerra. Esses passos só poderão triunfar por completo com a revolução mundial, se a revolução esmagar a guerra e se for apoiada pelos operários de todos os países, por isso, a tomada do poder é a única medida concreta, a única saída.

**Discurso de Encerramento da Discussão do Relatório Sobre o Momento Actual
24 de Abril (7 de Maio) de 1917**

O camarada Kámenev montou habilmente o cavalinho do aventureirismo. É necessário determo-nos nisto. O camarada Kámenev está convencido e afirma, falando contra a palavra de ordem «abaixo o Governo Provisório», que nós demos provas de vacilação. Estou de acordo com ele: houve, naturalmente, vacilações em relação à linha da política revolucionária, e essas vacilações devem ser evitadas. Penso que as nossas divergências com o camarada Kámenev não são muito grandes, porque ao declarar-se de acordo connosco adopta outra posição. Em que consistiu o nosso aventureirismo? Na tentativa de recorrer a medidas de força. Não sabíamos se as massas, naquele momento alarmante, se inclinavam decididamente para o nosso lado, e a questão teria sido outra se elas se tivessem inclinado fortemente. Lançámos a palavra de ordem de manifestações pacíficas, mas alguns camaradas do Comité de Petersburgo do Partido lançaram outra palavra de ordem, que anulámos, mas não o fizemos a tempo de evitar que as massas seguissem a palavra de ordem do Comité de Petersburgo. Dizemos que a palavra de ordem «abaixo o Governo Provisório» é aventureira, que agora não se pode derrubar o governo e por isso lançámos a palavra de ordem de manifestações pacíficas. Só queríamos fazer apenas um reconhecimento pacífico das forças do inimigo, sem lhe dar batalha, mas o Comité de Petersburgo virou um pouco mais para a esquerda, o que neste caso é, naturalmente, um gravíssimo crime⁶. O aparelho de organização revelou-se fraco: nem todos acompanham as nossas resoluções. Juntamente com a palavra de ordem correcta de «vivam os Sovietes de deputados operários e soldados!» foi dada uma incorrecta: «abaixo o Governo Provisório». No momento da acção era despropositado ir «um pouco mais para a esquerda». Consideramos isso como o maior dos crimes, como desorganização. E não teríamos permanecido nem um minuto no CC se tivéssemos permitido conscientemente tal passo. Isto aconteceu devido às imperfeições do aparelho de organização. Sim, tivemos defeitos na organização. Colocou-se a questão do melhoramento da organização.

Os mencheviques e C^a agitam a palavra «aventureirismo» mas, na realidade, foram eles que não tiveram organização nem linha de espécie alguma. Nós temos uma organização e uma linha.

Naquele momento, a burguesia mobilizou todas as forças, o centro escondia-se, e nós organizávamos uma manifestação pacífica. Só nós tínhamos uma linha política. Houve erros? Sim, houve. Só não erra quem não age. E organizar-se bem é uma coisa difícil.

Agora acerca do controlo.

Marchamos juntos com o camarada Kámenev excepto na questão do controlo. Ele vê nele um acto político. Mas, subjectivamente, entende esta palavra melhor que Tchkhéidze e outros. De nossa parte, não vamos nisso do controlo. Dizem-nos: isolaste-vos a vós próprios, dissestes palavras terríveis sobre o comunismo, atemorizastes o burguês até à convulsão ... Seja! Mas não foi isso que nos isolou. O que nos isolou foi a questão do empréstimo - eis o que nos conduziu ao isolamento. Eis em que questão ficámos em minoria. Sim, estamos em minoria. E então? Ser socialista, neste tempo de embriaguez chauvinista, é estar em minoria, mas estar em maioria significa ser chauvinista. Agora, o camponês, juntamente com Miliukov, ataca o socialismo com o empréstimo. O camponês segue Miliukov e Gutchkov. É um facto. A ditadura democrático-burguesa do campesinato é uma fórmula velha.

⁶ V. I. Lénine refere-se à táctica aventureira dum pequeno grupo de membros do Comité de Petrogrado do Partido que, durante a manifestação de Abril de 1917, avançou a palavra de ordem de derrubamento imediato do Governo Provisório, o que era incorrecto e aventureirista e contrariava a linha do Partido de desenvolvimento pacífico da revolução naquele período.

Para empurrar o campesinato para a revolução é preciso separar o proletariado, destacar o partido proletário, pois o campesinato é chauvinista. Atrair neste momento o mujique significa entregar-se à mercê de Miliukov.

É preciso derrubar o Governo Provisório, mas não agora, nem pela via habitual. Estamos de acordo com o camarada Kámenev. Mas é preciso esclarecer. E a esta palavra que se agarra o camarada Kámenev. Não obstante, é a única coisa que podemos fazer.

O camarada Ríkov diz que o socialismo tem de vir de outros países de indústria mais desenvolvida. Mas não é assim. Não se pode dizer quem começará e quem acabará. Isto não é marxismo, mas uma paródia do marxismo ...

Marx disse que o francês começaria e o alemão terminaria. Mas o proletariado russo alcançou mais que ninguém.

Se tivéssemos dito: «não ao tsar, sim à ditadura do proletariado», isto seria saltar por cima da pequena burguesia. Mas nós dizemos: ajudai a revolução através do Soviete de deputados operários e soldados. Não se deve deslizar para o reformismo. Lutamos não para sermos vencidos, mas para sairmos vencedores. E no pior dos casos contamos com um êxito parcial. Se sairmos derrotados conseguiremos, apesar de tudo, um triunfo parcial. Consistirá em reformas. E as reformas são um meio auxiliar da luta de classes.

O camarada Ríkov diz também que não há período de transição entre o capitalismo e o socialismo. Não é assim. Isso é romper com o marxismo. A linha traçada por nós é justa e, no futuro, adoptaremos todas as medidas para conseguir uma organização na qual não haja membros do Comité de Petersburgo que não escutem o CC. Crescemos como corresponde a um verdadeiro partido.

Discurso a Favor da Resolução Sobre a Guerra

27 de Abril (10 de Maio) de 1917

ACTA

Camaradas, li o projecto inicial de resolução sobre a guerra na conferência da cidade. Por causa da crise que absorveu em Petrogrado a atenção e as forças de todos os camaradas, não pudemos corrigir esse projecto. Mas ontem e hoje a comissão trabalhou com êxito, e ele foi sujeito a alterações, fortemente reduzido e, na nossa opinião, melhorado.

Quero dizer algumas palavras sobre a estrutura desta resolução. Ela está dividida em três partes: a primeira parte é dedicada a uma análise de classe da guerra, completada com uma declaração de princípios explicando as razões pelas quais o nosso partido adverte contra qualquer confiança nas promessas governamentais e contra qualquer apoio ao Governo Provisório. A segunda parte da resolução é dedicada à questão do defensismo revolucionário como uma corrente de massas extraordinariamente ampla que, actualmente, uniu contra nós a imensa maioria do povo. A tarefa consiste em como determinar o significado de classe desse defensismo revolucionário, em que consiste a sua essência, qual a correlação de forças real, e como lutarmos contra essa corrente. A terceira parte da resolução trata da questão de como terminar a guerra. A esta questão prática, da maior importância para o partido, era necessário responder pormenorizadamente, e julgamos que conseguimos dar uma resposta satisfatória a essa questão. Numa série de artigos ao *Pravda* e de jornais de província (que recebemos muito irregularmente: o correio não funciona e temos de aproveitar as ocasiões para conseguir as folhas locais para o CC), nos quais se publicou um grande número de artigos sobre a guerra, esclareceu-se a atitude negativa em relação à guerra e em relação à questão do empréstimo. Penso que a votação contra o empréstimo resolveu a questão da atitude negativa em relação ao defensismo revolucionário. Não me parece possível deter-me mais nisto.

«A guerra actual é, por parte de ambos os grupos de potências beligerantes, uma guerra imperialista, isto é, conduzida pelos capitalistas pela partilha das vantagens que provêm do domínio sobre o mundo, pelos mercados do capital financeiro (bancário), pela submissão dos povos fracos, etc».

A primeira e fundamental tese é a questão do conteúdo da guerra, questão de carácter geral e político, questão controversa, que os capitalistas e sociais-chauvinistas evitam cuidadosamente. Por isso, devemos colocá-la em primeiro lugar e fazer o seguinte acrescento:

«Cada dia de guerra enriquece a burguesia financeira e industrial e arruina e esgota as forças do proletariado e do campesinato de todos os países beligerantes, e depois também dos neutrais. E na Rússia o prolongamento da guerra põe, além disso, em grandíssimo perigo as conquistas da revolução, o seu desenvolvimento.

«A passagem do poder de Estado na Rússia para o Governo Provisório, governo de latifundiários e capitalistas, não mudou nem podia mudar esse carácter e significado da guerra por parte da Rússia.»

Esta frase que acabei de ler tem para nós uma grande importância em toda a propaganda e agitação. Mudou agora e pode mudar o carácter de classe da guerra? A nossa resposta baseia-se no facto de que o poder passou para as mãos dos latifundiários e dos capitalistas, para as mãos do mesmo governo que preparou esta guerra. Continuando, passamos a um dos factos que mostram com a maior evidência o carácter da guerra. Uma coisa é o carácter de classe, tal como se revela em toda a política que determinadas classes conduziram durante decénios, e outra coisa é o evidente carácter de classe da guerra.

«Este facto manifestou-se com particular evidência em que o novo governo não só não publicou os tratados secretos concluídos pelo tsar Nicolau II com os governos capitalistas da Inglaterra, da França, etc, como confirma formalmente, sem consultar o povo, estes tratados secretos, que prometem aos capitalistas russos a pilhagem da China, da Pérsia, da Turquia, da Áustria, etc. Com a ocultação desses tratados engana-se o povo russo sobre o verdadeiro carácter da guerra.»

Sublinho pois, uma vez mais, que pomos em relevo de maneira particularmente evidente a confirmação do carácter da guerra. Mesmo que não houvesse quaisquer tratados, nem por isso mudaria em nada o carácter da guerra, porque um acordo entre os grupos de capitalistas pode ser alcançado muito frequentemente sem quaisquer tratados. Mas eles existem, o seu significado é particularmente evidente, e nós, para unificar o trabalho dos agitadores e propagandistas, consideramos especialmente necessário sublinhar este facto e decidimos destacar este ponto. A atenção do povo concentra-se neste facto, e deve concentrar-se, tanto mais que esses tratados foram concluídos no nosso país pelo tsar que foi derrubado, de modo que é necessário chamar à atenção do povo que os governos prosseguem a guerra na base de tratados concluídos pelos antigos governos. Penso que aqui se evidenciam da forma mais expressiva as contradições entre os interesses dos capitalistas e a vontade do povo, e a tarefa dos agitadores é, revelando estas contradições, chamar para elas a atenção do povo, esforçar-se por esclarecer a consciência das massas, apelando para a sua consciência de classe. O conteúdo desses tratados é tal que não pode existir a menor dúvida de que eles prometem aos capitalistas lucros imensos mediante a pilhagem de outros países, já que esses tratados se mantêm secretos em todos os países. Não há no mundo uma só república que conduza abertamente a política externa. Enquanto existir o regime capitalista, não se pode esperar que os capitalistas abram os seus livros comerciais. Se existir a propriedade privada dos meios de produção, ela inclui também a propriedade privada das acções e das operações financeiras. O principal fundamento da diplomacia actual são precisamente as operações financeiras, que se reduzem à pilhagem e estrangulamento dos povos fracos. Tais são, do nosso ponto de vista, as teses fundamentais das quais deriva toda a apreciação sobre a guerra. Delas tiramos a conclusão:

«Por isso o partido proletário não pode apoiar nem a guerra actual, nem o governo actual, nem os seus empréstimos, sem romper por completo com o internacionalismo, isto é, com a solidariedade fraternal dos operários de todos os países na luta contra o jugo do capital.»

Esta é a nossa principal e fundamental conclusão, que determina toda a nossa táctica e nos separa de todos os outros partidos, por mais socialistas que se intitulem. Com esta tese, que é indiscutível para todos nós, fica determinada de antemão a questão da nossa atitude para com todos os outros partidos políticos.

Em seguida diz-se que o nosso governo colocou de um modo particularmente amplo a questão das promessas. Em torno destas promessas tem lugar uma prolongada campanha dos Sovietes, que se enredaram nestas promessas e põem à prova o povo. Por isso acreditamos ser necessário acrescentar à análise puramente objectiva da situação de classe uma apreciação das promessas, promessas que, naturalmente, não têm em si mesmas o menor significado para um marxista. Mas para as amplas massas significam muito e para a política ainda mais. O Soviete de Petrogrado emaranhou-se nessas promessas e dá-lhes peso prometendo o seu apoio. Eis porque acrescentamos a este ponto a seguinte fórmula:

«Não merecem nenhum crédito as promessas do governo actual de renunciar às anexações, isto é, à conquista de países estrangeiros, ou à retenção pela força, nos limites da Rússia, de quaisquer povos.»

E como a palavra «anexação» é estrangeira, damos-lhe uma definição política precisa que nem o partido dos democratas-constitucionalistas nem os partidos dos democratas pequeno-burgueses

(populistas e mencheviques) podem dar. Nenhuma palavra foi usada de modo tão absurdo e tão impróprio como esta.

«Porque, em primeiro lugar, os capitalistas, unidos por milhares de fios do capital bancário, não podem renunciar às anexações nesta guerra sem renunciar ao lucro dos milhares de milhões investidos em empréstimos, em concessões, em empresas de guerra, etc; em segundo lugar, o novo governo, que renunciou às anexações para iludir o povo, declarou pela boca de Miliukov, em 9 de Abril de 1917, em Moscovo, que não renuncia às anexações e pela nota de 18 de Abril e pela sua explicação de 22 de Abril confirmou o carácter rapace da sua política.

«Ao prevenir o povo contra as promessas ocas dos capitalistas, a conferência declara, por isso, que é necessário distinguir rigorosamente entre a renúncia às anexações em palavras e a renúncia às anexações de facto, isto é, a publicação imediata e a anulação de todos os banditescos tratados secretos e a concessão imediata a todos os povos do direito de decidir por votação livre a questão de se desejam ser Estados independentes ou fazer parte de qualquer Estado existente.»

Julgámos necessário indicar isto porque a questão de uma paz sem anexações é a questão básica em todas estas discussões sobre as condições de paz. Todos os partidos reconhecem que a paz será uma alternativa e que uma paz com anexações constitui uma catástrofe inaudita para todos os países. E diante do povo, num país onde existe liberdade política, a questão da paz não pode ser colocada senão como uma paz sem anexações. E necessário, pois, manifestar-se por uma paz sem anexações, e não há outro meio senão mentir, obscurecendo o conceito de anexação, ou contornar esta questão. O *Retch*, por exemplo, grita que a devolução da Curlândia equivale precisamente a renunciar às anexações. Quando falei perante o Soviete de deputados operários e soldados, um soldado fez-me chegar uma nota com esta pergunta:

«Temos de nos bater para reconquistar a Curlândia. Acaso reconquistar a Curlândia significa ser pelas anexações?»

Tive de responder-lhe afirmativamente. Opomo-nos a que a Alemanha possa anexar a Curlândia pela força, mas opomo-nos também a que a Rússia conserve pela força a Curlândia. Por exemplo, o nosso governo lançou um manifesto sobre a independência da Polónia cheio de frases que não dizem nada. Escreveram que a Polónia deve estar em livre aliança militar com a Rússia. Estas três palavras apenas contêm a verdade. A livre aliança militar da pequena Polónia com a imensa Rússia é, de facto, a completa escravidão militar da Polónia. Pode dar liberdade à Polónia politicamente, mas, de qualquer modo, as suas fronteiras serão determinadas pela aliança militar.

Se lutarmos por conseguir que os capitalistas russos se apoderem da Curlândia e da Polónia nas suas antigas fronteiras, isso significa que os capitalistas alemães têm o direito de saquear a Curlândia. Eles podem objectar: saqueámos a Polónia juntos. Quando começámos a despedaçar a Polónia, nos fins do século XVIII, a Prússia era então uma potência muito pequena e fraca, e a Rússia era enorme, e a Rússia conseguiu um saque maior. Agora tornámo-nos mais fortes, permiti-nos, pois, arrancar uma parte maior. Nada há a opor a esta lógica dos capitalistas. Em 1863, o Japão, comparado com a Rússia, não era nada, em 1905 deu uma sova à Rússia⁷. Nos anos de 1863 a 1873, a Alemanha, comparada com a Inglaterra, não era nada, mas agora é mais forte do que ela. Eles podem objectar: quando nos tiraram a Curlândia éramos fracos, agora somos mais fortes do que vós e queremos retomá-la. Não renunciar às anexações significa justificar guerras sem fim pela conquista dos povos fracos. Renunciar às anexações significa dar a todos os povos o direito de decidir livremente se querem viver separadamente ou conjuntamente com outros. Naturalmente que para isso as tropas deverão ser retiradas. Admitir a mais pequena vacilação na questão das anexações significa justificar guerras sem fim. Consequentemente, não podíamos permitir a este

7 Lénine refere-se à derrota da Rússia na guerra de 1904-1905 contra o Japão.

respeito quaisquer vacilações. No que se refere às anexações, a nossa resposta é: livre decisão dos povos. Que se deve fazer para que esta liberdade política seja também económica? Para isso é necessária a passagem do poder para as mãos do proletariado e o derrubamento do jugo do capital.

Passo agora à segunda parte da resolução.

«O chamado “defensismo revolucionário”, que hoje se apoderou na Rússia de todos os partidos populistas (dos socialistas populares, dos trudoviques, dos socialistas-revolucionários) e do partido oportunista dos sociais-democratas mencheviques (Comité de Organização, Tchkhéidze, Tseretéli e outros) e também da maioria dos revolucionários sem partido, representa quanto ao seu significado de classe, por um lado, os interesses e o ponto de vista dos camponeses abastados é de parte dos pequenos patrões, os quais, do mesmo modo que os capitalistas, tiram proveito da violência contra os povos fracos. Por outro lado, o defensismo revolucionário é o resultado do engano pelos capitalistas de uma parte dos proletários e semi-proletários da cidade e do campo, os quais, pela sua posição de classe, não estão interessados nos lucros dos capitalistas nem na guerra imperialista.»

Portanto, aqui a nossa tarefa consiste em determinar de que camadas sociais pode brotar e brotou o estado de espírito defensista. A Rússia é o país mais pequeno-burguês, e as camadas superiores da pequena burguesia estão directamente interessadas na continuação desta guerra. O campesinato abastado, da mesma maneira que os capitalistas, tira benefícios dela. Por outro lado, a massa do proletariado e semiproletariado não tem interesse nas anexações visto que não recebe nenhum benefício do capital bancário. Como puderam então estas classes situar-se no ponto de vista do defensismo revolucionário? A atitude adoptada por estas classes perante o defensismo revolucionário é o resultado da influência da ideologia dos capitalistas, que na resolução se exprime com a palavra «engano». Essas classes não conseguem distinguir os interesses dos capitalistas dos interesses do país. Daí, para nós, a conclusão:

«A conferência considera absolutamente inadmissível e equivalente de facto à ruptura completa com o internacionalismo e o socialismo quaisquer concessões ao defensismo revolucionário. Quanto ao estado de espírito defensista das grandes massas populares, o nosso partido lutará contra este estado de espírito mediante o esclarecimento incansável, explicando a verdade de que a atitude de confiança inconsciente no governo dos capitalistas é, neste momento, um dos principais obstáculos ao rápido fim da guerra.»

Eis aqui, nestas últimas palavras, a expressão daquela particularidade que distingue claramente a Rússia de todos os países capitalistas ocidentais e de todas as repúblicas democráticas capitalistas. Pois não se pode dizer que, nesses países, a confiança das massas inconscientes seja a causa principal da continuação da guerra. Aí as massas encontram-se actualmente apertadas pelas tenazes de ferro da disciplina militar, e quanto mais democrática é a república, maior é a disciplina, já que nela o direito se apoia na «vontade do povo». Na Rússia não existe, devido à revolução, essa disciplina. As massas elegem livremente representantes para os Sovietes, fenómeno que não se dá hoje em parte alguma no mundo. Mas elas têm uma confiança inconsciente, e daí a sua utilização de um modo determinado para o combate. Aqui, excepto o esclarecimento, não há outra coisa a fazer. O esclarecimento deve referir-se aqui às tarefas e métodos de acção directamente revolucionários. Quando as massas são livres, tentar fazer algo em nome da minoria, sem esclarecer as massas, seria um blanquismo absurdo, uma simples tentativa aventureira. Só conquistando as massas - se for possível conquistá-las -, só assim criaremos uma base firme para a vitória da luta proletária de classe. Passo à terceira parte da resolução:

«No que diz respeito à questão mais importante de como acabar o mais cedo possível esta guerra dos capitalistas, mediante uma paz não imposta pela força mas verdadeiramente democrática, a conferência considera e delibera:

«Não se pode pôr fim a esta guerra com a recusa dos soldados de um só dos lados à continuação da guerra, com a simples cessação das actividades militares de uma das partes beligerantes.»

Esta ideia de pôr fim desse modo à guerra é-nos atribuída com frequência por pessoas que querem facilitar a luta contra os adversários por meio da adulteração das suas opiniões; é o método usual dos capitalistas, que nos imputam a ideia insensata de pôr fim à guerra pela recusa unilateral. E eles objectam: «não se pode pôr fim à guerra espetando a baioneta na terra», como disse um soldado, típico partidário do defensismo revolucionário. Mas isso não é uma objecção, digo eu. É uma ideia anarquista pensar que se pode pôr fim à guerra sem a substituição das classes governantes; ou é uma ideia anarquista que não tem significado, sentido estatal, ou uma ideia nebulosamente pacifista, que não compreende absolutamente a relação existente entre a política e a classe opressora. A guerra é um mal, a paz é um bem ... Naturalmente, devemos esclarecer esta ideia, popularizá-la entre as massas. E, falando em geral, todas as nossas resoluções são escritas para sectores dirigentes, para os marxistas, não servem de modo nenhum para leitura das massas, mas devem dar aos propagandistas e agitadores uma orientação unificadora de toda a política. Para isso acrescentou-se ainda um parágrafo:

«A conferência protesta uma e outra vez contra a baixa calúnia, difundida pelos capitalistas contra o nosso partido, de que simpatizamos com uma paz em separado com a Alemanha. Consideramos os capitalistas alemães tão bandidos como os capitalistas russos, ingleses, franceses e outros, e o imperador Guilherme um bandido coroadado tal como Nicolau II e os monarcas inglês, italiano, romeno e todos os outros.»

A propósito deste ponto surgiram na comissão algumas discussões, por um lado, a propósito de que neste lugar teríamos passado a um estilo demasiado popular, e, por outro, de que os monarcas inglês, italiano e romeno não mereciam a honra de serem aqui mencionados. Mas, depois de pormenorizadas discussões, chegámos ao acordo unânime de que nestes momentos, quando nos propusemos desmentir aquelas calúnias que o *Birjovka*⁸ de modo quase sempre grosseiro, o *Retch* de modo mais subtil e o *Edinstvo* por meio de alusões directas tentaram difundir contra nós, perante esta questão devemos proceder à crítica mais clara e acerba destes conceitos, tendo em vista as mais largas massas. E como nos dizem: se considerais Guilherme um bandido ajudai-nos a derrubá-lo, podemos replicar que também todos os outros são bandidos e que também contra eles é preciso lutar, razão pela qual não se deve esquecer os reis da Itália e da Roménia, pois tais bandidos existem também entre os nossos aliados. Estes dois parágrafos são dirigidos contra as calúnias que pretendem levar o assunto para os pogromes e os insultos mútuos. Eis por que devemos passar à questão séria e prática de como pôr fim a esta guerra.

«O nosso partido explicará ao povo com paciência, mas também com insistência, a verdade de que as guerras são conduzidas pelos **governos**, de que as guerras estão sempre inseparavelmente ligadas à política de **classes** determinadas e de que esta guerra **só** pode terminar com uma paz democrática pela passagem de todo o poder de Estado, pelo menos em alguns países beligerantes, para as mãos da classe dos proletários e semiproletários, que é a única verdadeiramente capaz de pôr fim ao jugo do capital.»

Para um marxista, estas verdades relativas ao facto de que as guerras são conduzidas pelos capitalistas e que elas estão ligadas aos seus interesses de classe são verdades absolutas. O marxista não necessita de se deter nisso. Mas para as amplas massas todos os propagandistas e agitadores hábeis devem saber explicar esta verdade sem palavras estrangeiras, já que entre nós as polémicas degeneram habitualmente em disputas vazias, que não dão nada. É o que procuramos fazer em todas as partes da resolução. Dizemos: para compreender a guerra é preciso perguntar a quem beneficia;

8 **Birjeví Védomosti (Boletim da Bolsa):** jornal burguês que se editou em Petersburgo de 1880 a 1917, O seu nome abreviado, Birjovka, tornou-se sinónimo de venalidade e de falta de escrúpulos e de princípios.

para compreender de que modo terminar a guerra é preciso perguntar que classes ela não beneficia. A ligação é aqui clara, e dela se tira a seguinte conclusão:

«A classe revolucionária, tendo tomado nas suas mãos o poder de Estado na Rússia, adoptaria uma série de medidas orientadas no sentido de destruir a dominação económica dos capitalistas e medidas orientadas no sentido da sua completa neutralização política, e proporia imediata e abertamente a todos os povos uma paz democrática, na base da renúncia total às anexações, quaisquer que fossem.»

Se falamos em nome da classe revolucionária, o povo tem o direito de perguntar: bem, e que faríeis vós no lugar deles para pôr fim à guerra? É uma pergunta inevitável. O povo elege-nos agora como seus representantes, e nós devemos dar uma resposta absolutamente precisa. A classe revolucionária, tendo tomado o poder, começaria a minar a dominação dos capitalistas e proporia a todos os povos condições de paz precisas, pois sem minar a dominação económica dos capitalistas tudo ficaria no papel. E isso só a classe vitoriosa o pode fazer, pode introduzir uma mudança na política.

Repito uma vez mais: para as massas do povo não desenvolvidas, esta verdade requer aqueles elos intermédios que servem para iniciar na questão as pessoas não preparadas. Todo o erro e toda a mentira da literatura popular sobre a guerra consiste em esquivar esta questão, em silenciá-la e expor o assunto como se não existisse tal luta de classes, como se dois países tivessem vivido amigavelmente e um atacasse o outro e este se defendesse. Isto é um raciocínio vulgar, no qual não há nem sombra de objectividade; é um engano consciente do povo pelos homens instruídos. Se soubermos abordar esta questão, qualquer representante do povo captará a essência, pois uma coisa são os interesses das classes dominantes e outra coisa os interesses das classes oprimidas.

Que aconteceria se a classe revolucionária tomasse o poder?

«Estas medidas e estas propostas abertas de paz criariam uma mútua confiança plena entre os operários dos países beligerantes ...»

Actualmente esta confiança não pode existir, não criaremos esta confiança com as palavras dos manifestos. Se um pensador disse que a língua foi dada ao homem para encobrir os seus pensamentos, os diplomatas dizem sempre: «as conferências reúnem-se para enganar as massas populares.» E raciocinam assim não só os capitalistas, mas também os socialistas. Em particular, isto pode dizer-se da conferência convocada para Borgbjerg.

«... e conduziriam inevitavelmente às insurreições do proletariado contra os governos imperialistas que se opusessem à paz proposta.»

Quando actualmente um governo capitalista diz: «somos pela paz sem anexações», ninguém acredita nisso. As massas populares têm o instinto das classes oprimidas, o qual lhes diz que nada mudou. Só quando num país a política de facto mudasse surgiriam a confiança e tentativas de insurreições. Dizemos «insurreições» porque aqui se fala de todos os países. «Eclodiu a revolução num país e agora deve eclodir na Alemanha» - este raciocínio é falso. Procura-se estabelecer uma ordem de sucessão, mas não se pode proceder assim. Todos vivemos a revolução de 1905, todos pudemos ouvir ou vimos como ela provocou o desenvolvimento das ideias revolucionárias no mundo inteiro, o que Marx sempre disse. Não se pode fabricar a revolução, nem estabelecer uma ordem de sucessão. A revolução não se faz por encomenda, a revolução brota. Isto é completo charlatanismo, que agora se aplica com especial frequência na Rússia. Dizem ao povo: «vós, na Rússia, fizestes a revolução, agora é a vez do alemão.» Se as condições objectivas mudarem, então a insurreição será inevitável. O que não sabemos é em que ordem, em que momento, nem com que êxito. Dizem-nos: se a classe revolucionária da Rússia tomar o poder nas suas mãos e nos outros

países não se produzir a insurreição, que deverá fazer então o partido revolucionário? Que acontecerá então? A esta questão responde o último ponto da nossa resolução.

«Mas enquanto a classe revolucionária na Rússia não tiver tomado nas suas mãos todo o poder de Estado, o nosso partido apoiará por todos os meios os partidos e grupos proletários do estrangeiro que já durante a guerra conduzem de facto a luta revolucionária contra os seus próprios governos imperialistas e a sua própria burguesia.»

Eis tudo o que imediatamente podemos prometer e devemos fazer. A revolução cresce em todos os países, mas quando e em que medida ela cresce, isso ninguém sabe. Em todos os países existem homens que conduzem uma luta revolucionária contra os seus próprios governos. São eles, e só eles, que devemos apoiar. Estes são os factos, tudo o resto é apenas mentira. E acrescentamos:

«Em particular, o partido apoiará a confraternização em massa já iniciada entre os soldados de todos os países beligerantes na frente ...»

Esta observação responde à objecção de Plekhánov.

«O que resultará disto? - diz Plekhánov. - Bem, confraternizareis, e depois? Isto significa a possibilidade de uma paz separada na frente.»

Isto é malabarismo, não um argumento sério. Queremos a confraternização em todas as frentes e ocupamo-nos disso. Quando trabalhávamos na Suíça, publicámos o texto de um apelo em duas línguas: num lado em francês, no outro em alemão, e apelámos para aquilo que agora levamos aos soldados russos. Não nos limitamos à confraternização apenas entre a Rússia e a Alemanha, chamamos todos à confraternização. Ora, como compreender a confraternização?

«... procurando transformar esta manifestação espontânea de solidariedade dos oprimidos num movimento consciente e o melhor organizado possível para a passagem de todo o poder de Estado, em todos os países beligerantes, para as mãos do proletariado revolucionário.»

Actualmente a confraternização é espontânea, e não devemos enganarmos a nós próprios a este respeito. É necessário reconhecê-lo para não induzir o povo em erro. Os soldados que confraternizam não têm uma ideia política clara. Neles fala o instinto de homens oprimidos, que estão cansados, exaustos, e deixam de acreditar nos capitalistas: «enquanto continuais falando de paz - pois ouvimos isso há dois anos e meio - nós próprios começaremos.» Esse é o fiel instinto de classe. Sem esse instinto, a causa da revolução estaria perdida. Pois, como sabeis, ninguém libertaria os operários se eles próprios não se libertassem. Mas basta esse instinto? Só o instinto não nos levaria longe. Por isso é necessária a passagem do instinto à consciência.

No apelo *Aos Soldados de Todos os Países Beligerantes* respondemos à pergunta: em que deve transformar-se esta confraternização? Na passagem do poder político para as mãos dos Sovietes de deputados operários e soldados. Naturalmente que os operários alemães darão aos seus Sovietes outros nomes, mas isto não tem importância. O fundamental é que nós consideramos indubitavelmente como correcto que ela é espontânea e que não nos limitamos a encorajá-la, mas colocamo-nos a tarefa de converter essa aproximação espontânea dos operários e dos camponeses fardados de todos os países num movimento consciente, cuja meta seja a passagem do poder, em todos os países beligerantes, para as mãos do proletariado revolucionário. Esta é uma tarefa muito difícil, mas também a situação em que se encontra a humanidade devido ao poder dos capitalistas é incrivelmente difícil e conduz a humanidade directamente à ruína. Por isso ela provocará essa explosão de indignação, que é uma garantia para a revolução proletária. Eis a nossa resolução, que submetemos à atenção da conferência.

5

Resolução Sobre a Guerra

12 de Maio (29 de Abril) de 1917

I

A guerra actual é, por parte de ambos os grupos de potências beligerantes, uma guerra imperialista, isto é, conduzida pelos capitalistas pela partilha das vantagens que provêm do domínio sobre o mundo, pelos mercados do capital financeiro (bancário), pela submissão dos povos fracos, etc. Cada dia de guerra enriquece a burguesia financeira e industrial e arruína e esgota as forças do proletariado e do campesinato de todos os países beligerantes, e depois também dos países neutrais. E na Rússia o prolongamento da guerra põe, além disso, em grandíssimo perigo as conquistas da revolução e o seu desenvolvimento.

A passagem do poder de Estado na Rússia para o Governo Provisório, governo de latifundiários e capitalistas, não mudou nem podia mudar esse carácter e significado da guerra por parte da Rússia.

Este facto manifestou-se com particular evidência em que o novo governo não só não publicou os tratados secretos concluídos pelo tsar Nicolau II com os governos capitalistas da Inglaterra, da França, etc, como confirmou formalmente, sem consultar o povo, estes tratados secretos, que prometem aos capitalistas russos a pilhagem da China, da Pérsia, da Turquia, da Áustria, etc. Com a ocultação desses tratados engana-se o povo russo sobre o verdadeiro carácter da guerra.

Por isso, o partido proletário não pode apoiar nem a guerra actual, nem o governo actual, nem os seus empréstimos, sem romper por completo com o internacionalismo, isto é, com a solidariedade fraternal dos operários de todos os países na luta contra o jugo do capital.

Não merecem nenhum crédito as promessas do governo actual de renunciar às anexações, isto é, à conquista de países estrangeiros ou à retenção pela força nos limites da Rússia de qualquer povo. Porque, em primeiro lugar, os capitalistas, unidos por milhares de fios do capital bancário, não podem renunciar às anexações nesta guerra sem renunciar ao lucro dos milhares de milhões investidos em empréstimos, em concessões, em empresas de guerra, etc. Em segundo lugar, o novo governo, que renunciou às anexações para iludir o povo, declarou pela boca de Miliukov, em 9 de Abril de 1917, em Moscovo, que não renunciou às anexações, e pela nota de 18 de Abril e pela sua explicação de 22 de Abril confirmou o carácter rapace da sua política. Ao prevenir o povo contra as promessas ocas dos capitalistas, a conferência declara, por isso, que é necessário distinguir rigorosamente entre a renúncia às anexações em palavras e a renúncia às anexações de facto, isto é, a publicação imediata e a anulação de todos os banditescos tratados secretos e a concessão imediata a todos os povos do direito de decidir por votação livre a questão de se desejam ser Estados independentes ou fazer parte de qualquer Estado existente.

II

O chamado «defensismo revolucionário», que hoje se apoderou na Rússia de todos os partidos populistas (dos socialistas populares, dos trudoviques, dos socialistas-revolucionários), e do partido oportunista dos sociais-democratas mencheviques (Comité de Organização, Tchkhéidze, Tseretéli e outros) e também da maioria dos revolucionários sem partido, representa, quanto ao seu significado de classe, por um lado, os interesses e o ponto de vista dos camponeses abastados e de parte dos pequenos patrões, os quais, do mesmo modo que os capitalistas, tiram proveito da violência contra os povos fracos. Por outro lado, o «defensismo revolucionário» é o resultado do engano pelos capitalistas de uma parte dos proletários e semi-proletários da cidade e do campo, os quais, pela sua posição de classe, não estão interessados nos lucros dos capitalistas nem na guerra imperialista.

A conferência considera absolutamente inadmissível e equivalente de facto à ruptura completa com o internacionalismo e o socialismo quaisquer concessões ao «defensismo revolucionário». Quanto ao estado de espírito defensista das grandes massas populares, o nosso partido lutará contra este estado de espírito mediante o esclarecimento incansável da verdade de que a atitude de confiança inconsciente no governo dos capitalistas é, neste momento, um dos principais obstáculos ao rápido fim da guerra.

III

No que diz respeito à questão mais importante de como acabar o mais cedo possível esta guerra dos capitalistas mediante uma paz não imposta pela força mas verdadeiramente democrática, a conferência considera e delibera:

Não se pode pôr fim a esta guerra com a recusa dos soldados de um só dos lados à continuação da guerra, com a simples cessação das actividades militares por uma das partes beligerantes.

A Conferência protesta uma e outra vez contra a baixa calúnia, difundida pelos capitalistas contra o nosso partido, de que simpatizamos com uma paz em separado com a Alemanha. Consideramos os capitalistas alemães tão bandidos como os capitalistas russos, ingleses, franceses e outros, e o imperador Guilherme um bandido coroado como Nicolau II e os monarcas inglês, italiano e romeno e todos os outros.

O nosso partido explicará ao povo com paciência, mas também com insistência, a verdade de que as guerras são conduzidas pelos **governos**, de que as guerras estão sempre inseparavelmente ligadas à política de **classes** determinadas e de que esta guerra **só** pode terminar com uma paz democrática pela passagem de todo o poder de Estado, pelo menos em alguns países beligerantes, para as mãos da classe dos proletários e semiproletários, que é a única verdadeiramente capaz de pôr fim ao jugo do capital.

A classe revolucionária que tomasse nas suas mãos o poder de Estado na Rússia adoptaria uma série de medidas que minem a dominação económica dos capitalistas, e medidas orientadas no sentido da sua completa neutralização política, e proporia imediata e abertamente a todos os povos uma paz democrática, na base da renúncia total às anexações e contribuições, quaisquer que fossem. Estas medidas e estas propostas abertas de paz criariam uma mútua confiança plena entre os operários dos países beligerantes e conduziriam inevitavelmente às insurreições do proletariado contra os governos imperialistas que se opusessem à paz proposta.

Mas enquanto a classe revolucionária na Rússia não tiver tomado nas suas mãos todo o poder de Estado, o nosso partido apoiará por todos os meios os partidos e grupos proletários do estrangeiro que já durante a guerra conduzem de facto a luta revolucionária contra os seus próprios governos imperialistas e a sua própria burguesia. Em particular, o partido apoiará a confraternização em massa já iniciada entre os soldados de todos os países beligerantes na frente, procurando transformar essa manifestação espontânea de solidariedade dos oprimidos num movimento consciente e o melhor organizado possível para a passagem de todo o poder de Estado, em todos os países beligerantes, para as mãos do proletariado revolucionário.

**Resolução Sobre a Atitude em Relação ao Governo Provisório
10 de Maio (27 de Abril) de 1917**

A Conferência de toda a Rússia do POSDR considera:

- 1) O Governo Provisório é, pelo seu carácter, um órgão de domínio dos latifundiários e da burguesia;
- 2) Ele e as classes por ele representadas estão ligadas de modo indissolúvel, económica e politicamente, ao imperialismo russo e anglo-francês;
- 3) Mesmo o programa por ele proclamado é cumprido apenas parcialmente e apenas sob a pressão do proletariado revolucionário, e em parte da pequena-burguesia;
- 4) As forças da contra-revolução burguesa e latifundiária, que se organizam, iniciaram já, encobrendo-se com a bandeira do Governo Provisório e com evidente colaboração da parte deste último, o ataque contra a democracia revolucionária: assim, o Governo Provisório adia a fixação de eleições para a Assembleia Constituinte, põe obstáculos ao armamento geral do povo, opõe-se à passagem de toda a terra para as mãos do povo, impondo-lhe o método latifundiário de solução da questão agrária, entrava a implantação da jornada de oito horas, dá provas de conivência com a agitação contra-revolucionária (de Gutchkov e C^a) no exército, organiza o corpo de comando superior do exército contra os soldados, etc;
- 5) Protegendo os lucros dos capitalistas e latifundiários, o Governo Provisório não é capaz de adoptar uma série de medidas revolucionárias no campo da economia (abastecimento, etc), que são incondicional e urgentemente necessárias em face da ameaça de uma iminente catástrofe económica;
- 6) Ao mesmo tempo, este governo apoia-se actualmente na confiança e num acordo directo com o Soviete de deputados operários e soldados de Petrogrado, que é, até esta altura, a organização dirigente para a maioria dos operários e soldados, isto é, do campesinato;
- 7) Cada passo do Governo Provisório tanto no campo externo como na política interna abrirá os olhos dos proletários da cidade e do campo e dos semiproletários e obrigará as diferentes camadas da pequena burguesia a escolher uma ou outra posição política.

Partindo das teses expostas, a Conferência delibera:

- 1) É necessário um prolongado trabalho para esclarecer a consciência de classe proletária e para unir os proletários da cidade e do campo contra as vacilações da pequena burguesia, pois só esse trabalho garantirá a passagem bem sucedida de todo o poder de Estado para as mãos dos Sovietes de deputados operários e soldados ou de outros órgãos que exprimam directamente a vontade da maioria do povo (os órgãos da administração local, a Assembleia Constituinte, etc);
- 2) Para tal actividade é necessário um trabalho múltiplo dentro dos Sovietes de deputados operários e soldados, o aumento do seu número, a consolidação das suas forças, a união dentro deles dos grupos proletários internacionalistas do nosso partido;
- 3) Para consolidar e ampliar de imediato as conquistas da revolução à escala local, é necessário, com apoio numa sólida maioria da população local, desenvolver, organizar e intensificar

multilateralmente as acções autónomas, orientadas no sentido de tornar realidade as liberdades, destituir as autoridades contra-revolucionárias e pôr em prática medidas de carácter económico - o controlo sobre a produção e a distribuição, etc;

4) A crise política de 19-21 de Abril, criada pela nota do Governo Provisório, demonstrou que o partido governamental dos democratas-constitucionalistas, ao organizar de facto os elementos contra-revolucionários tanto no exército como nas ruas, passa às tentativas de metralhamento de operários. Como consequência da situação instável, derivada da dualidade de poderes, a repetição de tais tentativas é inevitável, e o partido do proletariado é obrigado a dizer com toda a energia ao povo que são necessários a organização e o armamento do proletariado, a sua mais estreita união com o exército revolucionário, a ruptura com a política de confiança no Governo Provisório, para conjurar o perigo, que ameaça seriamente, de metralhamentos em massa do proletariado como nos dias de Junho em Paris em 1848.

(Publicada no Pravda nº 42, de 10 de Maio (27 de Abril) de 1917)

Resolução Sobre a Revisão do Programa do Partido⁹
16 (3) de Maio de 1917

A conferência considera necessária a revisão do programa do partido no seguinte sentido:

- 1) apreciação do imperialismo e da época das guerras imperialistas em ligação com a iminente revolução socialista; luta contra a deturpação do marxismo pelos chamados «defensistas» que esqueceram a palavra de ordem de Marx: «os operários não têm pátria»;¹⁰
- 2) emenda das teses e parágrafos sobre o Estado no espírito da exigência não de uma república parlamentar burguesa, mas de uma república democrática, proletária e camponesa (isto é, um tipo de Estado sem polícia, sem exército permanente, sem funcionalismo privilegiado);
- 3) eliminação ou emenda das partes antiquadas do programa político;
- 4) reformulação de uma série de pontos do programa político mínimo, no sentido de indicar com maior precisão as reivindicações democráticas mais consequentes;
- 5) reformulação completa da parte económica do programa mínimo, antiquada em muitos aspectos, e dos pontos referentes à instrução pública;
- 6) reformulação do programa agrário de acordo com a resolução adoptada sobre a questão agrária;
- 7) introdução da exigência de nacionalizar uma série dos consórcios mais preparados para isso, etc;
- 8) acrescentamento da caracterização das correntes fundamentais do socialismo actual.

A conferência encarrega o Comité Central de redigir sobre esta base o projecto de programa do partido no prazo de dois meses, a fim de apresentar este projecto à aprovação do congresso do partido. A conferência chama todas as organizações e todos os membros do partido a discutirem os projectos de programa, a emendarem-nos e a elaborarem contraprojectos.

(Publicada no Suplemento ao nº 13 do *Soldátskaia Pravda*, 16 (3) de Maio de 1917)

⁹ A resolução sobre a revisão do programa do Partido foi aprovada por maioria, com três abstenções. A elaboração do novo programa do Partido foi completada após a vitória da Grande Revolução Socialista de Outubro. O novo programa foi aprovado no VIII Congresso do PCR(b) em Março de 1919.

¹⁰ K. Marx e F. Engels, *Manifesto do Partido Comunista*, capítulo II. "Proletários e Comunistas". (In Karl Marx / Friedrich Engels, *Werke*, Bd. 4, S. 479.)

Relatório Sobre a Questão Agrária

28 de Abril (11 de Maio) de 1917

ACTA

Camaradas, a questão agrária foi discutida pelo nosso partido tão pormenorizadamente, já durante a primeira revolução, que temos actualmente, penso eu, suficiente preparação, e confirma-o indirectamente o facto de a comissão da conferência, formada por camaradas que conhecem de perto este problema e se interessaram por ele, ter aprovado o projecto de resolução proposto sem emendas fundamentais. Por isso, limitar-me-ei a algumas observações muito breves. Como o projecto distribuído em provas de imprensa está em poder de todos os membros, não é necessário lê-lo na totalidade.

O crescimento do movimento agrário em toda a Rússia é hoje o facto mais evidente e indiscutível para todos. O programa do nosso partido, adoptado no Congresso de Estocolmo em 1906¹¹, por proposta dos mencheviques, foi refutado já pelo decurso da primeira revolução russa. Neste congresso os mencheviques fizeram aprovar a sua tese da municipalização, cuja essência se reduz ao seguinte: as terras camponesas, comunais e particulares, permanecem na propriedade dos camponeses. As terras dos latifundiários passam das mãos dos seus proprietários para as mãos dos órgãos de auto-administração local. Um dos argumentos principais dos mencheviques a favor de tal programa era que os camponeses nunca compreenderiam a passagem das terras camponesas para as mãos de quem quer que seja além do campesinato. Quem estudou as actas do Congresso de Estocolmo recorda-se de que sobre este argumento insistiram particularmente tanto o relator Máslov como Kostrov. Não se deve esquecer - e agora isto esquece-se frequentemente - que isto aconteceu antes da primeira Duma, quando não havia factos objectivos sobre o carácter do movimento camponês e sobre a sua força. Todos sabiam que na Rússia ardia o incêndio da revolução agrária, mas ninguém sabia como seria organizado o movimento agrário, como seria o movimento da revolução camponesa. Até que ponto esse congresso representava a opinião séria, concreta, dos próprios camponeses, não era possível comprová-lo, e eis por que esses argumentos dos mencheviques desempenharam um papel tão importante. Pouco depois do nosso Congresso de Estocolmo recebemos pela primeira vez uma significativa confirmação de como a massa camponesa encarava esta questão. Tanto na I como na II Duma foi apresentado pelos próprios camponeses o «projecto dos 104»¹² trudovique. Estudei especialmente as assinaturas deste projecto e informei-me em pormenor das opiniões dos deputados e a que classe pertenciam, até que ponto era possível chamá-los camponeses. No livro que a censura tsarista queimou, e que apesar de tudo voltarei a

11 **Congresso de Estocolmo:** o IV Congresso (de Unificação) do POSDR realizou-se em 10-25 de Abril (23 Abril a 8 de Maio) de 1906. A maioria do congresso pertencia aos mencheviques. Isto deveu-se ao facto de muitas organizações partidárias bolcheviques, que tinham encabeçado as acções armadas das massas durante a revolução, terem sido destroçadas e não terem podido mandar os seus delegados. Pelo contrário, os mencheviques, que tinham as suas organizações mais numerosas nas regiões não industriais do país, nas quais não houve acções revolucionárias de massas, tiveram possibilidade de enviar um número maior de delegados. O congresso debateu as seguintes questões: 1) revisão do programa agrário; 2) apreciação do momento actual e as tarefas de classe do proletariado; 3) atitude para com a Duma de Estado; 4) insurreição armada; 5) acções de guerrilha; 6) unificação com os partidos sociais-democratas não russos; 7) estatutos do partido. Entre os bolcheviques e os mencheviques travou-se uma luta encarniçada no congresso em relação a todas as questões. Após uma luta tenaz, o congresso adoptou as resoluções dos mencheviques sobre a Duma de Estado e sobre a insurreição armada, e adoptou o programa agrário dos mencheviques. Na questão da atitude para com os partidos burgueses, o congresso limitou-se a confirmar a resolução do Congresso Internacional de Amsterdão. O congresso aprovou sem discussão uma resolução de compromisso sobre os sindicatos e a resolução sobre a atitude para com o movimento camponês. Ao mesmo tempo, atendendo às exigências das massas do partido, o congresso aprovou a formulação leninista do primeiro parágrafo dos Estatutos, rejeitando desse modo a formulação oportunista de Márkov. Pela primeira vez foi incluída nos estatutos a formulação bolchevique do centralismo democrático.

12 **Projecto dos 104:** projecto de lei agrária apresentado pelos trudoviques na I Duma de Estado em 23 de Maio (5 de Junho) de 1906 e assinado por 104 deputados camponeses.

publicar¹³, afirmava categoricamente que destas 104 assinaturas a imensa maioria eram assinaturas de verdadeiros camponeses. Este projecto exigia a nacionalização da terra. Os camponeses diziam que toda a terra devia passar para as mãos do Estado.

A questão consiste, pois, em como explicar que nas Dumas, duas vezes convocadas, os representantes dos camponeses de toda a Rússia preferiram a nacionalização à medida que os mencheviques propuseram em ambas as Dumas do ponto de vista dos interesses camponeses. Os mencheviques propuseram que os camponeses ficassem com a propriedade das suas próprias terras e que só a terra dos latifundiários fosse entregue nas mãos do povo, mas os camponeses diziam que queriam fazer passar toda a terra para as mãos do povo. Como explicar isto? Os socialistas-revolucionários explicam isto pelo facto de que os camponeses russos, pelo seu espírito de comunidade, simpatizam com a socialização, com o princípio do trabalho. Em toda esta fraseologia não existe o mínimo bom senso, são meras frases. Mas como explicar isto? Penso que os camponeses chegaram a esta conclusão porque todo o sistema de propriedade da terra na Rússia, camponesa e latifundiária, comunal e das famílias camponesas, está completamente impregnado das condições do velho regime semifeudal, e os camponeses, do ponto de vista das condições do mercado, deviam exigir a passagem da terra para as mãos de todo o povo. Os camponeses dizem que a confusão da situação da antiga vida agrária só pode ser desfeita pela nacionalização. O seu modo de ver é burguês: entendem o usufruto igualitário da terra como a tomada das terras dos latifundiários, e não como igualização dos diferentes proprietários. A nacionalização significa uma redistribuição de toda a terra. É o maior projecto burguês. Nem um único camponês falou de igualização e socialização, mas todos disseram que é impossível esperar mais, que é necessário tirar as cercas de toda a terra, isto é, que é impossível, nas condições do século XX, dirigir a exploração à maneira antiga. Desde então a reforma de Stolípine enredou ainda mais a questão agrária¹⁴. Isto é o que querem dizer os camponeses quando exigem a nacionalização. Isto significa uma nova distribuição de toda a terra. Não devem existir formas variadas de propriedade da terra. Aqui não há absolutamente nenhuma socialização. Esta exigência dos camponeses é chamada igualitária porque, como indica um breve balanço estatístico da propriedade agrária do ano de 1905, a 300 famílias camponesas e a uma latifundiária correspondiam por igual 2000 deciatinas de terra; neste sentido é naturalmente igualitária, mas daí não decorre que isto significa igualizar todas as pequenas explorações entre si. O projecto dos 104 diz o contrário.

Isto é em essência o que é preciso dizer para fundamentar cientificamente a opinião de que a nacionalização na Rússia, do ponto de vista democrático-burguês, é necessária. Mas é necessária também porque é um gigantesco golpe para a propriedade privada sobre os meios de produção. Pensar que depois da abolição da propriedade privada da terra na Rússia tudo ficará como antes é simplesmente um absurdo.

Mais adiante, no projecto de resolução estabelecem-se as conclusões e reivindicações práticas. Entre as emendas pequenas registarei as seguintes: no ponto 1.º diz-se: «O partido do proletariado apoia com todas as forças a confiscação imediata e completa de todas as terras dos latifundiários ...». Em lugar de «apoia», deveria pôr-se «luta por ...». Não pensamos que os

13 O livro queimado pela censura tsarista é a obra de Lênine *O Programa Agrário da Social-Democracia na Primeira Revolução Russa de 1905-1907*, escrita em fins de 1907. O livro foi impresso em 1908 em Petersburgo, mas a polícia confiscou-o ainda na tipografia e destruiu-o. Foi publicado pela primeira vez em 1917.

14 Trata-se da reforma agrária stolipiniana, com que o tsarismo pretendia criar no campo uma sólida base de apoio na pessoa dos kulaques. No dia 9 (22) de Novembro de 1906, o governo tsarista publicou um decreto que regulamentava a saída dos camponeses das comunidades e a atribuição aos mesmos, a título de propriedade privada, das terras parceladas. Este decreto, com algumas modificações, foi ratificado pela Duma de Estado e pelo Conselho de Estado no dia 14 de Junho de 1910, tornando-se lei. Segundo a lei stolipiana (assim chamada do nome do presidente do Conselho de Ministros, P. A. Stolípine) o camponês podia separar-se da comunidade, tomar a sua parcela em propriedade privada e mesmo vendê-la. A comunidade era obrigada a atribuir terra aos camponeses que saíssem da comunidade num só lugar. A reforma stolipiana intensificou o processo de desenvolvimento do capitalismo na agricultura e de diferenciação do campesinato e agudizou a luta de classes no campo.

camponeses possuem pouca terra e necessitam de mais terra. Esta é uma opinião corrente; dizemos que a propriedade agrária dos latifundiários é a base do jugo que oprime o campesinato e o torna atrasado. Não se trata de que os camponeses tenham pouca terra ou não. Abaixo o regime de servidão! É assim que deve colocar-se a questão do ponto de vista da luta de classe revolucionária, e não daqueles funcionários que discutem quanta terra eles possuem e de acordo com que normas ela deve ser distribuída. Proponho a inversão da ordem dos pontos 2.º e 3.º, porque para nós é importante a iniciativa revolucionária, e a lei deve ser resultado dela. **Se esperardes que a lei seja escrita e não desenvolverdes vós próprios energia revolucionária, não tereis nem lei nem terra.**

Com frequência fazem-se objecções contra a nacionalização, dizendo que ela pressupõe um gigantesco aparelho de funcionários. Isto é certo, mas a propriedade do Estado significa que cada camponês arrenda a terra ao Estado. O subarrendamento fica proibido. Mas quanta terra o camponês arrenda, qual a terra que recebe - isso é decidido inteiramente pelo correspondente órgão democrático, e não burocrático.

Em lugar de «jornaleiros» coloca-se «operários agrícolas». Vários camaradas declararam que a palavra «jornaleiro» é ofensiva e opuseram-se a ela. Deve ser eliminada.

Não se pode falar neste momento de comités ou Sovietes proletário-camponeses na resolução da questão agrária porque, como vemos, os camponeses criaram Sovietes de deputados soldados, e desta maneira surgiu já a separação do proletariado e do campesinato.

Como é sabido, os partidos pequeno-burgueses defensistas são favoráveis a que, quanto à questão agrária, se espere até à Assembleia Constituinte. Nós pronunciamo-nos pela passagem imediata da terra para as mãos dos camponeses com o máximo de organização. Somos absolutamente contra as ocupações anárquicas. Vós propondes aos camponeses que entrem em acordo com os latifundiários. Nós dizemos que se deve tomar a terra, imediatamente e semeá-la, para lutar contra a falta de pão, para livrar o país da falência que se avizinha dele com uma rapidez colossal. Não se podem aceitar agora as receitas de Chingariov e dos democratas-constitucionalistas, que propõem esperar até à Assembleia Constituinte, cuja data é desconhecida, ou chegar a um acordo com os latifundiários sobre o arrendamento.

Os camponeses apossam-se já da terra sem pagar ou pagam um quarto da renda.

Um camarada trouxe uma resolução de uma localidade da província de Penza na qual se diz que os camponeses se apoderam das alfaias dos latifundiários, mas não as distribuem pelas casas camponesas, antes as convertem em propriedade social. Estabelecem uma determinada ordem, uma regra para que estas alfaias cultivem todas as terras. Ao recorrer a estas medidas, são guiados pelo objectivo de elevar a produção agrícola. Este facto tem um gigantesco significado de princípio, apesar dos latifundiários e capitalistas, que gritam que isto é anarquia. Pois se tagarelardes e gritardes que isto é anarquia, enquanto os camponeses esperarem, então sim, haverá verdadeira anarquia. Os camponeses demonstram que compreendem as condições económicas e o controlo social melhor que os funcionários, e que os aplicam cem vezes melhor. Semelhante medida que, naturalmente, é de fácil realização numa aldeia pequena, incita inevitavelmente a passar a medidas mais amplas. Se o camponês aprender isto, e já começou a aprender isto, não terá necessidade do saber dos professores burgueses, chegarão por si mesmos à conclusão da necessidade de que as alfaias sejam utilizadas não só para as pequenas explorações mas para cultivar toda a terra. Como o fazem, isso não importa: se reúnem as parcelas para as lavrar e semear em comum, não o sabemos, e não importa se o fazem de modo diferente. A única coisa que importa é que eles não têm felizmente diante de si essa grande quantidade de intelectuais pequeno-burgueses, que se chamam a si mesmos marxistas, sociais-democratas, e que com ar importante ensinam ao povo que não chegou ainda o momento da revolução socialista, e que por isso os camponeses não devem tomar agora a terra. Felizmente, há

poucos senhores destes nas aldeias russas. Se os camponeses se limitassem a apoderar-se da terra por acordo com os latifundiários, mas não aplicassem a sua própria experiência colectivamente, então a falência seria inevitável, e então os comités camponeses tornar-se-iam um brinquedo, um jogo sem sentido. Eis por que propomos acrescentar ao projecto de resolução o ponto 8¹⁵.

Uma vez que sabemos que os próprios camponeses começaram a aplicar essa iniciativa nas suas localidades, a nossa obrigação, o nosso dever é dizer que apoiamos e recomendamos essa iniciativa. Só nisso está a garantia de que a revolução não se limitará a medidas de carácter formal, de que a luta contra a crise não continuará a ser objecto de discussões das chancelarias e das elucubrações de Chingariov, mas de que, realmente, eles irão para a frente por uma via organizada na luta contra a falta de pão e pelo aumento da produção.

15 Ver "Resolução Sobre a Questão Agrária"(N. Ed.)

Resolução Sobre a Questão Agrária

13 de Maio (30 de Abril) de 1917

A existência da propriedade latifundiária da terra na Rússia constitui o baluarte material do poder dos latifundiários feudais e uma garantia da possível restauração da monarquia. Esta propriedade da terra condena inexoravelmente a massa imensa da população da Rússia, o campesinato, à miséria, à vassalagem e ao embrutecimento, e todo o país ao atraso em todas as esferas da vida.

Na Rússia, a propriedade camponesa da terra, tanto a loteada (às comunidades e famílias camponesas), como a privada (terra arrendada ou comprada), está envolvida de cima a baixo, de lado a lado, por velhos vínculos e relações de semi-servidão, pela divisão dos camponeses em categorias herdadas do tempo do regime de servidão, fragmentação dos lotes, etc, etc. A necessidade de abater todas estas barreiras antiquadas e nocivas, de «tirar as cercas» da terra, de reestruturar todas as relações da propriedade da terra e da agricultura de acordo com as novas condições da economia nacional e mundial, constitui a base material da aspiração do campesinato à nacionalização de **todas** as terras no Estado.

Quaisquer que sejam as utopias pequeno-burguesas com que todos os partidos e grupos populistas revestem a luta das massas camponesas contra a propriedade agrária feudal latifundiária e, em geral, contra todos os entraves feudais a toda a propriedade da terra e usufruto da terra na Rússia, esta luta exprime por si mesma a aspiração - plenamente democrático-burguesa, progressista em absoluto e necessária do ponto de vista económico - de quebrar resolutamente todos estes entraves.

A nacionalização da terra, sendo uma medida burguesa, significa a liberdade da luta de classes e a liberdade do usufruto da terra, no grau mais elevado possível e concebível na sociedade capitalista, de todos os apêndices não burgueses. Além disso, a nacionalização da terra, como abolição da propriedade privada sobre a terra, representaria na prática um golpe tão poderoso na propriedade privada de todos os meios de produção em geral que o partido do proletariado deve prestar todo o seu concurso a essa transformação.

Por outro lado, o campesinato rico da Rússia criou já há muito os elementos de uma burguesia camponesa, e a reforma agrária stolipiniana sem dúvida reforçou, multiplicou e consolidou estes elementos. No outro pólo do campo reforçaram-se e multiplicaram-se igualmente os Operários agrícolas assalariados, os proletários e as massas de camponeses semiproletários a eles afins.

Quanto mais decidida e conseqüente for a destruição e a eliminação da propriedade latifundiária da terra, quanto mais resoluto e conseqüente for, em geral, a transformação agrária democrático-burguesa na Rússia, tanto mais forte e rápido será o desenvolvimento da luta de classe do proletariado agrícola contra o campesinato rico (a burguesia camponesa).

Na medida em que a revolução proletária que começa a surgir na Europa não exercer uma influência directa e poderosa sobre o nosso país, a sorte e o desenlace da revolução russa dependerão de se o proletariado urbano conseguirá levar atrás de si o proletariado rural e ligar a este a massa de semiproletários do campo, ou de se essa massa seguirá atrás da burguesia camponesa, propensa a aliar-se com Gutchkov e Miliukov, com os capitalistas e latifundiários e com a contra-revolução em geral.

Partindo de tal situação de classe e correlação das forças, a conferência resolve:

- 1) O partido do proletariado luta com todas as forças pela confiscação imediata e completa de todas as terras dos latifundiários da Rússia (assim como as terras de apanágio, da Igreja, da coroa¹⁶, etc, etc).
- 2) O partido pronuncia-se resolutamente a favor da passagem imediata de todas as terras para as mãos do campesinato, organizado em Sovietes de deputados camponeses ou em outros órgãos de auto-administração local eleitos de modo plena e realmente democrático e plenamente independentes dos latifundiários e funcionários.
- 3) O partido do proletariado exige a nacionalização de todas as terras existentes no Estado; significando colocar o direito de propriedade de todas as terras nas mãos do Estado, a nacionalização coloca o direito de dispor das terras nas mãos das instituições democráticas locais.
- 4) O partido deve lutar decididamente tanto contra o Governo Provisório - que, quer pela boca de Chingariov quer com as suas intervenções colectivas, impõe aos camponeses um «acordo voluntário com os latifundiários», isto é, de facto um carácter latifundiário da reforma, e ameaça castigar os camponeses pelos seus «actos arbitrários», isto é, passar à violência da minoria da população (os latifundiários e capitalistas) contra a maioria -, como contra as vacilações pequeno-burguesas da maioria dos populistas e sociais-democratas mencheviques, que aconselham os camponeses a não tomar toda a terra antes da Assembleia Constituinte.
- 5) O partido aconselha os camponeses a tomar a terra de modo organizado, sem permitir em caso algum a menor deterioração dos bens e com a preocupação de aumentar a produção.
- 6) Todas as transformações agrárias em geral só podem ser eficazes e duradouras com a completa democratização de todo o Estado, isto é, por um lado, com a supressão da polícia, do exército permanente e do funcionalismo privilegiado de facto, e, por outro lado, com o mais amplo regime de administração local, inteiramente livre de toda a fiscalização e tutela de cima.
- 7) É necessário empreender imediatamente e por toda a parte a organização separada e independente do proletariado agrícola, tanto sob a forma de Sovietes de deputados de operários agrícolas (e de Sovietes especiais de deputados de camponeses semiproletários), como sob a forma da organização de grupos ou fracções proletários nos Sovietes gerais de deputados camponeses, em todos os órgãos de administração local e municipal, etc, etc
- 8) O partido deve apoiar a iniciativa dos comités camponeses que numa série de lugares da Rússia entregam o gado e as alfaias dos latifundiários ao campesinato organizado nesses comités para uma utilização socialmente regulamentada para o cultivo de toda a terra.
- 9) O partido do proletariado deve aconselhar os proletários e semiproletários do campo a procurarem conseguir a transformação de cada propriedade latifundiária numa propriedade modelo bastante grande, administrada por conta da sociedade pelos Sovietes de deputados de operários agrícolas sob a direcção de agrónomos e empregando os melhores meios técnicos.

(Publicado no *Pravda* nº 45, 13 de Maio (30 de Abril) de 1917)

16 **Terras de apanágio:** terras que eram propriedade privada dos membros da família real. Terras da coroa: terras que eram propriedade privada do tsar.

Resolução Sobre os Sovietes de Deputados Operários e Soldados

15 (2) de Maio de 1917

Depois de discutir os relatórios e comunicações dos camaradas que trabalham nos Sovietes de deputados operários e soldados das diferentes regiões da Rússia, a conferência estabelece:

Em toda uma série de regiões de província, a revolução avança mediante a organização do proletariado e do campesinato em Sovietes por iniciativa própria, a destituição das velhas autoridades por iniciativa própria, a criação de uma milícia operária e camponesa, a passagem de todas as terras para as mãos do campesinato, o estabelecimento do controlo operário nas fábricas, o estabelecimento da jornada de trabalho de 8 horas, o aumento dos salários, a garantia da manutenção sem quebra do ritmo da produção, o estabelecimento da fiscalização dos operários sobre a distribuição dos víveres, etc.

Esse crescimento em amplitude e profundidade da revolução nas províncias é, por um lado, um crescimento do movimento pela passagem de todo o poder aos Sovietes e pelo controlo dos próprios operários e camponeses sobre a produção, e, por outro lado, serve de garantia da preparação de forças à escala de toda a Rússia para a segunda etapa da revolução, que deve entregar todo o poder de Estado nas mãos dos Sovietes ou de outros órgãos que exprimam directamente a vontade da maioria do povo (órgãos de auto-administração local, Assembleia Constituinte, etc).

Nas capitais e em algumas grandes cidades, a tarefa da passagem do poder de Estado para os Sovietes apresenta dificuldades particularmente grandes e exige uma preparação particularmente prolongada das forças do proletariado. Aqui se concentram as maiores forças da burguesia. Aqui, a política de conciliação com a burguesia, política que não poucas vezes trava a iniciativa revolucionária das massas e debilita a sua independência, ganha proporções mais agudas, o que é particularmente perigoso dada a importância dirigente destes Sovietes para as províncias.

É, pois, dever do partido proletário, por um lado, apoiar em todos os aspectos o referido desenvolvimento da revolução nas localidades, e, por outro lado, lutar sistematicamente dentro dos Sovietes (mediante a propaganda e a reeleição deles) pelo triunfo da linha proletária; dirigir todos os esforços e toda a atenção para a massa de operários e soldados, para separar a linha proletária da pequeno-burguesa, a internacionalista da defensista, a revolucionária da oportunista, para organizar e armar os operários, para preparar as suas forças para a etapa seguinte da revolução.

A conferência declara uma vez mais que é necessário trabalhar em todos os aspectos dentro dos Sovietes de deputados operários e soldados, aumentar o seu número, consolidar as suas forças, unir no seu seio os grupos proletários internacionalistas do nosso partido.

(Publicado no *Pravda* nº 46 de 15 (2) de Maio de 1917)

Discurso Sobre a Questão Nacional

29 de Abril (12 de Maio) de 1917

ACTA

Desde o ano de 1903, quando o nosso partido adoptou um programa, tropeçamos sempre com a obstinada oposição dos camaradas polacos. Se estudardes as actas do II Congresso, vereis que já então expunham os mesmos argumentos que encontramos agora, e os sociais-democratas polacos abandonaram aquele congresso por considerarem inaceitável para eles que se reconhecesse às nações o direito à autodeterminação. E desde esse momento chocamo-nos sempre com uma e a mesma questão. Em 1903 existia já o imperialismo, mas então no número dos argumentos não se mencionou o imperialismo; tanto então como agora a posição da social-democracia polaca continua sendo um estranho e monstruoso erro: esta gente quer fazer descer a posição do nosso partido até à posição dos chauvinistas.

A política da Polónia é uma política plenamente nacional como consequência dos longos anos de opressão pela Rússia, e todo o povo polaco está dominado por uma ideia: vingar-se dos moscovitas. Ninguém oprimiu tanto os polacos como o povo russo. O povo russo serviu nas mãos dos tsares de carrasco da liberdade polaca. Nenhum povo se impregnou tanto de ódio à Rússia, nenhum povo detesta tanto a Rússia como os polacos, e daí nasce um fenómeno singular. A Polónia é, por causa da burguesia polaca, um obstáculo para o movimento socialista. Que arda o mundo inteiro, desde que a Polónia seja livre. Colocar assim a questão é, naturalmente, zombar do internacionalismo. Naturalmente que a Polónia é actualmente vítima da violência, mas pensar que os nacionalistas polacos possam esperar da Rússia a sua emancipação é trair a Internacional. E os nacionalistas polacos imbuíram a tal ponto com as suas ideias o povo polaco que este vê assim as coisas.

O imenso mérito histórico dos camaradas sociais-democratas polacos consiste em que lançaram a palavra de ordem do internacionalismo, e disseram: o mais importante para nós é concluir uma aliança fraterna com o proletariado de todos os outros países, e jamais nos lançaremos numa guerra pela libertação da Polónia. Este é o seu mérito, e por isso sempre consideramos socialistas unicamente estes camaradas sociais-democratas polacos. Os outros são patriotas, são Plekhánoves polacos. Mas desta posição original, em que houve pessoas que, para salvar o socialismo, se viram obrigadas a lutar contra um nacionalismo furioso e doentio, deriva um fenómeno singular: os camaradas vêm dizer-nos que devemos renunciar à liberdade da Polónia, à sua separação.

Porque é que nós, grão-russos, que oprimimos um número maior de nações que qualquer outro povo, temos de renunciar a reconhecer o direito à separação da Polónia, da Ucrânia, da Finlândia? Propõem-nos que nos convertamos em chauvinistas porque com isso facilitamos a posição dos sociais-democratas da Polónia. Não aspiramos à libertação da Polónia porque o povo polaco vive entre dois Estados capazes de lutar. Mas em vez de dizerem que os operários polacos devem raciocinar assim: só permanecem democratas os sociais-democratas que opinam que o povo polaco deve ser livre, pois nas fileiras do partido socialista não há lugar para os chauvinistas, os sociais-democratas polacos dizem: precisamente porque julgamos vantajosa uma aliança com os operários russos somos contra a separação da Polónia. Estão no seu pleno direito. Mas as pessoas não querem compreender que para reforçar o internacionalismo não é necessário repetir as mesmas palavras, mas que na Rússia deve insistir-se na liberdade de separação das nações oprimidas, enquanto na Polónia deve acentuar-se a liberdade de união. A liberdade de união pressupõe a liberdade de separação. Nós, os russos, devemos sublinhar a liberdade de separação e, na Polónia, a liberdade de união.

Vemos aqui uma série de sofismas que conduzem à renegação total do marxismo. O ponto de vista do camarada Piatakov é uma repetição do ponto de vista de Rosa Luxemburg...¹⁷ (o exemplo da Holanda)...¹⁸ Assim raciocina o camarada Piatakov, e assim refuta-se a si mesmo, pois em teoria é pela negação da liberdade de separação, mas diz ao povo: quem nega a liberdade de separação não é socialista. Tudo o que disse aqui o camarada Piatakov é uma confusão incrível. Na Europa ocidental predominam países nos quais a questão nacional foi resolvida já há muito tempo. Quando se diz que a questão nacional está resolvida tem-se em vista a Europa ocidental. O camarada Piatakov transporta isto para onde isto não se aplica, para a Europa oriental, e caímos assim numa situação ridícula.

Vede que espantosa confusão resulta daqui! Pois temos a Finlândia próxima. O camarada Piatakov não dá sobre ela uma resposta concreta, e embrulha-se completamente. Lestes ontem no *Rabótchaia Gazeta* que na Finlândia cresce o separatismo. Os finlandeses vêm e dizem-nos que no seu país cresce o separatismo porque os democratas-constitucionalistas não dão à Finlândia a plena autonomia. Ali cresce a crise, o descontentamento com o governador geral Róditchev, mas o *Rabótchaia Gazeta* escreve que os finlandeses devem esperar a Assembleia Constituinte, pois nela se chegará a um acordo entre a Finlândia e a Rússia. Que significa acordo? Os finlandeses devem dizer que podem ter direito a dispor dos seus destinos como julgarem conveniente, e o grão-russo que negar este direito será um chauvinista. Outra coisa seria se disséssemos ao operário finlandês: qual é para ti a decisão mais vantajosa...¹⁹

O camarada Piatakov limita-se a rejeitar a nossa palavra de ordem, dizendo que isto significa não dar palavra de ordem para a revolução socialista, mas ele próprio não deu uma palavra de ordem correspondente. O método da revolução socialista sob a palavra de ordem «abaixo as fronteiras» é uma completa confusão. Não pudemos publicar o artigo no qual eu classificava esta ideia de «economismo imperialista»²⁰. Que significa isso do «método» da revolução socialista sob a palavra de ordem «abaixo as fronteiras»? Nós defendemos a necessidade do Estado, e o Estado pressupõe fronteiras. O Estado pode, naturalmente, conter um governo burguês, mas nós necessitamos dos Sovietes. Mas também a eles se coloca a questão das fronteiras. Que quer dizer «abaixo as fronteiras»? Aqui começa a anarquia... O «método» da revolução socialista sob a palavra de ordem «abaixo as fronteiras» é simplesmente uma embrulhada. Quando a revolução socialista estiver madura, quando ela eclodir, estender-se-á a outros países, e nós ajudá-la-emos, mas como não sabemos. O «método da revolução socialista» é uma frase sem conteúdo. Visto que existem resíduos de questões não resolvidas pela revolução burguesa, somos partidários de que elas se resolvam. Em face do movimento separatista somos indiferentes, neutrais. Se a Finlândia, se a Polónia e a Ucrânia se separarem da Rússia, não há nenhum mal nisso. Que mal pode haver? Quem o afirmar é um chauvinista. É preciso ter perdido o juízo para continuar a política do tsar Nicolau. A Noruega não se separou da Suécia?... Noutros tempos, Alexandre I e Napoleão trocavam povos entre si, noutros tempos os tsares utilizavam a Polónia como moeda de troca. Devemos nós continuar essa tática dos tsares? Isso equivaleria a renunciar à tática do internacionalismo, seria um chauvinismo da pior espécie. Se a Finlândia se separar, que mal haverá? Em ambos os povos, no proletariado da Noruega e da Suécia fortaleceu-se a confiança mútua depois da separação. Os latifundiários suecos quiseram lançar-se numa guerra, mas os operários da Suécia opuseram-se e disseram: não entraremos nessa guerra.

Os finlandeses não querem hoje senão a autonomia. Nós somos por que se dê à Finlândia plena liberdade; então reforçar-se-á a sua confiança na democracia russa, precisamente então, quando isto for levado à prática, eles não se separarão. Quando o senhor Róditchev vai à Finlândia e regateia

17 Há uma lacuna na acta. (N. Ed.)

18 Há uma lacuna na acta. (N. Ed.)

19 Há uma lacuna na acta. (N. Ed.)

20 Ver *Sobre a Tendência Nascente do "Economismo Imperialista"*. (N. Ed.)

sobre a autonomia, os camaradas finlandeses vêm dizer-nos:.. necessitamos da autonomia. Mas todas as baterias abrem fogo contra eles, dizendo: «esperai pela Assembleia Constituinte!» Mas nós dizemos: «o socialista russo que nega a liberdade da Finlândia é um chauvinista.»

Nós dizemos que as fronteiras se fixam por vontade da população. Rússia, não ouse combater pela Curlândia! Alemanha, retira as tuas tropas da Curlândia! Assim resolvemos nós a questão da separação. O proletariado não pode apelar para a violência, pois não deve pôr obstáculos à liberdade dos povos. A palavra de ordem de «abaixo as fronteiras» será justa quando a revolução socialista for uma realidade e não um método, e então diremos: camaradas, vinde a nós...

Uma coisa muito diferente é a questão da guerra. Em caso de necessidade não renunciaremos a uma guerra revolucionária. Não somos pacifistas ... Quando na Rússia manda Miliukov e envia Róditchev à Finlândia, o qual regateia ali vergonhosamente com o povo finlandês, nós dizemos: não, povo russo, não ouse violentar a Finlândia: não pode ser livre o povo que oprime outros povos²¹. Na resolução sobre Borgbjerg²² dizemos: retirai as tropas e deixai que a nação decida o assunto por sua conta. Mas se o Soviete tomar amanhã o poder nas suas mãos, isso não será um «método da revolução socialista», e então diremos: Alemanha, fora com as tropas da Polónia, Rússia, fora com as tropas da Arménia - de outra maneira será um engano.

O camarada Dzerjinski diz-nos da sua Polónia oprimida que ali todos são chauvinistas. Mas porque não disse nenhum polaco nem uma só palavra sobre o que deve fazer-se com a Finlândia e a Ucrânia? Já se discutiu tanto tudo isto desde 1903, que se torna difícil falar disto. Vai aonde quiseres... Quem não adoptar este ponto de vista será um anexionista, um chauvinista. Queremos uma aliança fraternal de todos os povos. Se existir uma República Ucrâniana e uma República Russa, haverá entre elas mais ligação e mais confiança. Se os ucranianos vêm que na Rússia existe a República dos Sovietes, não se separarão, mas se tivermos uma república de Miliukov, separar-se-ão. Quando o camarada Piatakov, em plena contradição com os seus pontos de vista, disse: opomono a que se retenha alguém pela violência dentro das fronteiras, isto é o reconhecimento do direito das nações à autodeterminação. Não queremos de modo algum que o mujique de Khivá viva sob o jugo do Khan de Khivá. Com o desenvolvimento da nossa revolução influiremos sobre as massas oprimidas. Só assim se pode colocar a agitação entre as massas oprimidas.

Mas todo o socialista russo que não reconheça a liberdade da Finlândia e da Ucrânia cairá no chauvinismo. E nenhum sofisma nem referência ao seu «método» pode alguma vez justificá-lo.

21 Ver F. Engels, A Literatura dos Emigrados, I. Uma Proclamação Polaca. (In Karl Marx/Friedrich Engels, Werke, Bd. 18, S. 527.)

22 Trata-se da resolução da VII Conferência (de Abril) do POSDR(b) «Acerca da Proposta de Borgbjerg». F. Borgbjerg, social-democrata dinamarquês ligado aos sociais-chauvinistas da Alemanha, chegou em Abril de 1917 a Petrogrado e, em nome do Comité Unificado dos partidos operários da Dinamarca, Noruega e Suécia, convidou os partidos socialistas da Rússia a participarem numa chamada «Conferência de paz dos socialistas em Estocolmo», que se efectuariam em Maio de 1917. A Conferência de Abril dos bolcheviques, por proposta de Lênine, pronunciou-se categoricamente contra a participação na Conferência de Estocolmo convocada pelos sociais-chauvinistas e desmascarou o seu carácter imperialista e o próprio Borgbjerg como um agente do imperialismo alemão. Na reunião do Comité Executivo do Soviete de deputados operários e soldados de Petrogrado em que se discutiu esta questão, os mencheviques e os socialistas-revolucionários aceitaram a proposta de Borgbjerg e decidiram responsabilizar-se pela convocação da conferência e criar para isso uma comissão especial. O plenário do Soviete apoiou esta decisão. A Conferência de Estocolmo não chegou a efectuar-se.

Resolução Sobre a Questão Nacional

16 (3) de Maio de 1917

A política de opressão nacional, herança da autocracia e da monarquia, é apoiada pelos latifundiários, pelos capitalistas e pela pequena burguesia no interesse da protecção dos seus privilégios de classe e da desunião dos operários dos diferentes povos. O imperialismo contemporâneo, ao reforçar a tendência para submeter os povos fracos, é um novo factor de intensificação da opressão nacional.

A supressão da opressão nacional, na medida em que é realizável na sociedade capitalista, só é possível num regime republicano consequentemente democrático e num governo do Estado que garanta a plena igualdade de direitos de todas as nações e línguas.

Deve ser reconhecido a todas as nações componentes da Rússia o direito de separar-se livremente e formar Estados independentes. A negação deste direito e a não adopção de medidas destinadas a garantir a sua realização prática equivalem a apoiar a política de conquistas ou anexações. Só o reconhecimento pelo proletariado do direito das nações à separação garante a plena solidariedade dos operários das diferentes nações e permite uma aproximação verdadeiramente democrática das nações.

O conflito surgido actualmente entre a Finlândia e o Governo Provisório russo mostra com particular nitidez que negar o direito à livre separação leva a continuar directamente a política do tsarismo.

É inadmissível confundir a questão do direito das nações à livre separação com a questão da conveniência da separação desta ou daquela nação neste ou naquele momento. O partido do proletariado deverá resolver esta última questão de modo absolutamente independente em cada caso particular, do ponto de vista dos interesses de todo o desenvolvimento social e dos interesses da luta de classe do proletariado pelo socialismo.

O partido exige uma ampla autonomia regional, a supressão da fiscalização de cima, a supressão de uma língua estatal obrigatória e a determinação das fronteiras das regiões autogovernadas e autónomas na base das condições económicas e de vida apreciadas pela própria população local, da composição nacional da população, etc.

O partido do proletariado rejeita resolutamente a chamada «autonomia cultural-nacional», isto é, a exclusão da competência do Estado dos assuntos escolares, etc, e a sua passagem para as mãos de uma espécie de dietas nacionais. A autonomia cultural-nacional divide artificialmente os operários que vivem na mesma localidade e que inclusive trabalham na mesma empresa, segundo pertençam uma ou a outra «cultura nacional», isto é, reforça os laços entre os operários e a cultura burguesa de cada nação em separado, ao passo que a tarefa da social-democracia consiste em fortalecer a cultura internacional do proletariado do mundo inteiro.

O partido exige que se inclua na Constituição uma lei fundamental que anule quaisquer privilégios a favor de uma das nações e quaisquer violações dos direitos das minorias nacionais.

Os interesses da classe operária exigem a fusão dos operários de todas as nacionalidades da Rússia em organizações proletárias únicas, políticas, sindicais, cooperativas, educativas, etc. Só esta fusão dos operários das diferentes nacionalidades em organizações únicas dá ao proletariado a possibilidade de empreender uma luta vitoriosa contra o capital internacional e contra o nacionalismo burguês.

(Publicado a 16 (3) de Maio de 1917 no *Soldátskaia Pravda*)

Resolução Sobre o Momento Actual

16 (3) de Maio de 1917

A guerra mundial, gerada pela luta dos *trusts* mundiais e do capital bancário pela dominação do mercado mundial, conduziu já à destruição em massa de valores materiais, ao esgotamento das forças produtivas e a uma expansão tal da indústria de guerra que até a produção do mínimo imprescindível de artigos de consumo e meios de produção se torna impossível.

Deste modo, a guerra actual conduziu a humanidade a uma situação sem saída e colocou-a à beira da ruína.

As premissas objectivas da revolução socialista, que indubitavelmente existiam já antes da guerra nos países mais avançados e desenvolvidos, continuaram a amadurecer em consequência da guerra com vertiginosa rapidez. A eliminação e a ruína das empresas pequenas e médias aceleram-se cada vez mais. A concentração e internacionalização do capital assume proporções gigantescas. O capitalismo monopolista converte-se em capitalismo monopolista de Estado, a regulação social da produção e da distribuição, devido à pressão das circunstâncias, é introduzida numa série de países, alguns dos quais passam ao trabalho geral obrigatório.

Sendo mantida a propriedade privada dos meios de produção, todos esses passos para uma maior monopolização e uma maior estatização da produção são acompanhados inevitavelmente de um reforço da exploração das massas trabalhadoras, do reforço da opressão, de uma dificuldade crescente na resistência aos exploradores, do reforço da reacção e do despotismo militar e ao mesmo tempo conduzem inevitavelmente a um incrível aumento dos lucros dos grandes capitalistas à custa de todas as outras camadas da população, à escravização por muitos decénios das massas trabalhadoras, impondo-lhes tributos a pagar aos capitalistas sob a forma de milhares de milhões de juros pelos empréstimos. Mas, uma vez abolida a propriedade privada sobre os meios de produção, e com a passagem de todo o poder de Estado para as mãos do proletariado, essas mesmas condições garantirão o triunfo de uma transformação social que porá fim à exploração do homem pelo homem e assegurará o bem-estar de todos e cada um.

* * *

Por outro lado, a previsão dos socialistas do mundo inteiro, que, no Manifesto de Basileia de 1912, assinalaram unanimemente a inevitabilidade da **revolução proletária** em relação precisamente com a guerra imperialista que então se aproximava e hoje lavra, foi claramente confirmada pelo curso dos acontecimentos.

A revolução russa é apenas a primeira etapa da primeira das revoluções proletárias geradas inevitavelmente pela guerra.

Em todos os países cresce a indignação das amplas massas populares contra a classe dos capitalistas e a consciência do proletariado de que só a passagem do poder para suas mãos e a abolição da propriedade privada sobre os meios de produção salvarão a humanidade da destruição.

Em todos os países, particularmente nos mais avançados, na Inglaterra e na Alemanha, centenas de socialistas que não se inclinaram para o lado da «sua» burguesia nacional foram lançados para as prisões pelos governos dos capitalistas que, com estas perseguições, apenas demonstraram o seu receio da revolução proletária que vai crescendo no seio das massas populares. O seu

amadurecimento na Alemanha nota-se tanto nas greves de massas, que se intensificaram particularmente nas últimas semanas, como no crescimento da confraternização dos soldados alemães com os russos na frente.

A confiança fraternal e a união fraternal entre os operários dos diferentes países, operários que hoje se exterminam uns aos outros pelos interesses dos capitalistas, começam deste modo a restabelecer-se pouco a pouco, e isto cria, por sua vez, as premissas para organizar acções revolucionárias unânimes dos operários dos diferentes países. Só estas acções podem garantir o desenvolvimento mais sistemático e o êxito mais seguro possível da revolução socialista mundial.

* * *

O proletariado da Rússia, que actua num dos países mais atrasados da Europa, no meio de uma imensa população de pequenos camponeses, não pode propor-se como fim a realização imediata de transformações socialistas.

Mas seria o maior dos erros, e na prática equivaleria a passar completamente para o campo da burguesia, deduzir daqui a necessidade do apoio à burguesia por parte da classe operária ou a necessidade de limitar a sua actividade ao quadro do aceitável para a pequena burguesia, ou a renúncia ao papel dirigente do proletariado na tarefa de explicar ao povo a urgência de uma série de passos praticamente maduros em direcção ao socialismo.

Tais passos são, em primeiro lugar, a nacionalização da terra. Tal medida, que não ultrapassa directamente os limites do regime burguês, seria ao mesmo tempo um forte golpe contra a propriedade privada sobre os meios de produção e reforçaria por isso mesmo a influência do proletariado socialista sobre os semiproletários do campo.

Tais medidas são, além disso, o estabelecimento do controlo do Estado sobre todos os bancos e a sua fusão num banco central único, e também sobre as instituições de seguros e os maiores consórcios capitalistas (por exemplo, o consórcio dos fabricantes de açúcar, o Prodúgol, o Prodamet²³, etc), com a transição gradual para um sistema mais justo de impostos progressivos sobre os rendimentos e os bens. Tais medidas estão completamente maduras do ponto de vista económico, são absolutamente realizáveis de imediato do ponto de vista técnico, e **podem** contar politicamente com o apoio da maioria esmagadora dos camponeses, que ganham com estas transformações em todos os aspectos.

Os Sovietes de deputados operários, soldados, camponeses, etc, que hoje cobrem a Rússia com uma rede cada vez mais densa, poderiam também, juntamente com as citadas medidas, passar à aplicação do trabalho geral obrigatório, pois o carácter dessas instituições assegura, por um lado, a passagem a todas essas novas transformações somente na medida em que a sua necessidade prática seja reconhecida, consciente e firmemente, pela imensa maioria do povo, e, por outro lado, o carácter dessas instituições garante a realização de tais transformações, não pela via policial-burocrática, mas pela participação voluntária das massas organizadas e armadas do proletariado e do campesinato na regulação da sua própria economia.

Todas essas medidas e outras semelhantes podem e devem não só ser discutidas e preparadas para serem aplicadas à escala de todo o país com a condição de que todo o poder passe para os proletários e os semiproletários, como também ser realizadas pelos órgãos revolucionários locais do poder de todo o povo quando se apresentar a possibilidade disso.

23 Prodúgol: consórcio do carvão; Prodamet: consórcio metalúrgico. (N. do Ed.)

Na aplicação destas medidas é necessária uma extraordinária prudência e precaução, é preciso conquistar uma sólida maioria da população e conseguir a sua convicção consciente na preparação prática desta ou daquela medida, e é precisamente para este aspecto que devem orientar-se a atenção e os esforços da vanguarda consciente das massas operárias, que deve ajudar as massas camponesas a encontrar uma saída para a ruína actual.

(Publicado em 16 (3) de Maio de 1917 como anexo ao nº13 do *Soldátskaia Pravda*)